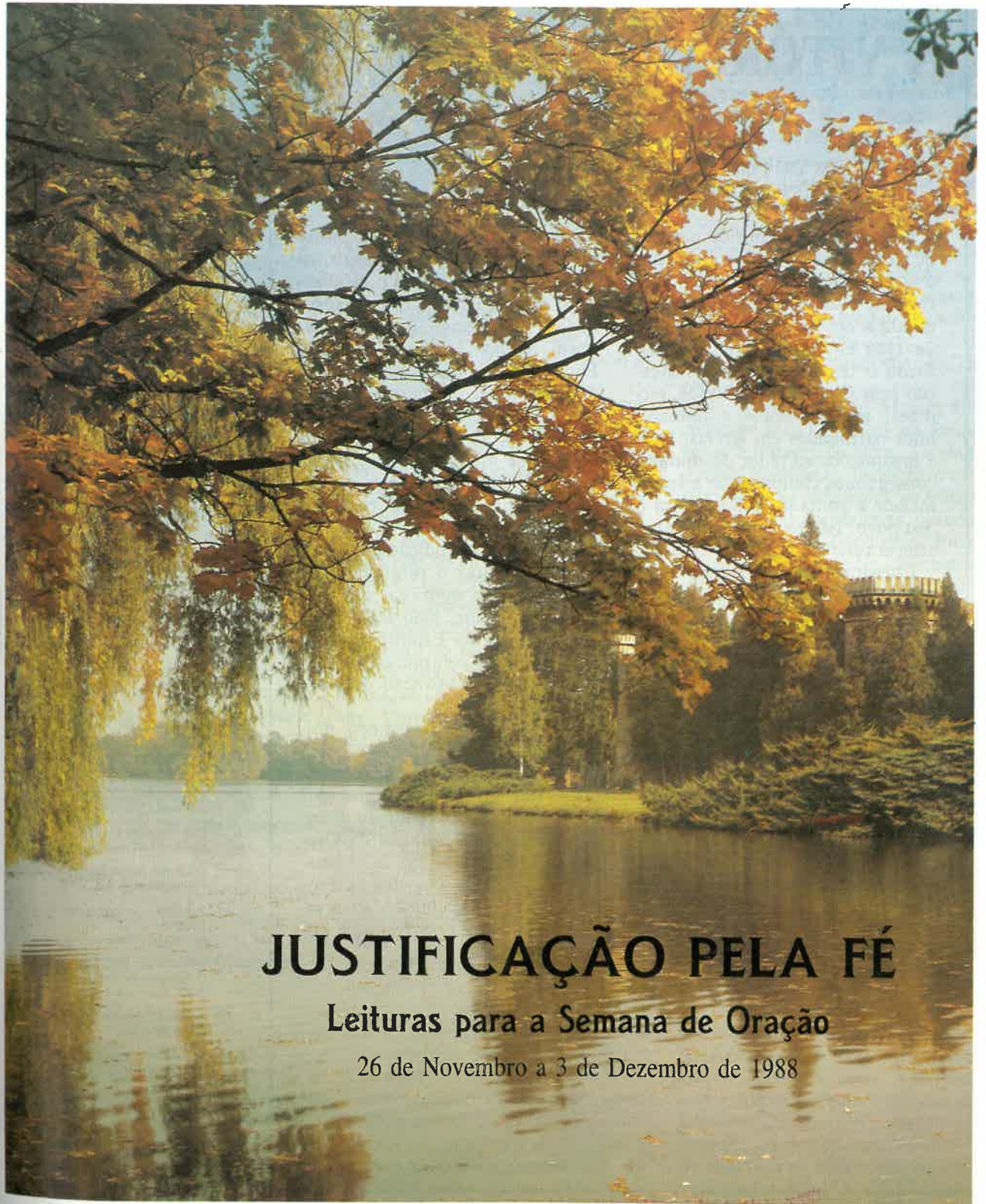


Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Outubro/88



JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ

Leituras para a Semana de Oração

26 de Novembro a 3 de Dezembro de 1988

UM CHAMADO URGENTE PARA A VITÓRIA

MENSAGEM DOS OFICIAIS DA CONFERÊNCIA GERAL

O ano de 1988 tem sido um ano de elevada reflexão espiritual para a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Durante mais de dez meses temos estado a comemorar a experiência de 1888 em Minneapolis, a qual focou o tema solene da justificação pela fé. Através de livros, sermões, artigos, hinos e testemunhos partilhados em igrejas, lares e instituições ao redor do mundo, conseguimos compreender e seguir melhor a vontade de Deus para o Seu povo. Isto tem sido uma experiência revivificante e refrescante.

Chegamos agora ao clímax destas actividades altamente espirituais — a Semana de Oração de 1988. Os artigos deste ano trazem-nos ideias estimulantes acerca de Cristo e da Sua justiça, bem como fervorosos apelos para a rededicação completa da igreja em todo o mundo.

O empenho dos dirigentes da igreja, desde o começo das actividades de comemoração deste ano, tem sido a exaltação do nosso incomparável Senhor e Seu amor, não uma exoneração de pessoas ou um estudo aprofundado dos debates relacionados com aquela época.

É tarde no dia da história da

Terra. Cem anos é tempo demasiado longo para a igreja reflectir sobre o que pode ter sido o catalizador dos nossos predecessores quanto à vitória. É já tempo, «bem tempo», como o apóstolo Paulo nos lembra, de acordarmos, despertarmos, e passarmos da marcha militante para o alegre jubileu. A escolha é nossa. Podemos deixar que as reflexões das comemorações deste ano façam as impressões habituais, ou podemos responder ao gracioso convite de Deus com uma rendição de todo o coração e gozar o surgimento do fortalecimento espiritual que isso trará certamente. Não seguiremos nós os rogos do Espírito Santo e aceitaremos completamente a oferta grátis de salvação da parte de Deus?

O Sábado, 3 de Dezembro, último dia desta semana especial, será um dia de oração e jejum mundiais. Por favor, una-se aos seus irmãos e irmãs ao redor do globo para fazer desta Semana de Oração de 1988 o que 1888 se destinava a ser — a nossa cavilha de Teologia, o nosso chamado ao arrependimento, a nossa fonte de poder e eficiência.



Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Outubro 1988
Ano XLVI • N.º 502

DIRECTOR:

J. Morgado

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 650\$00
Número Avulso 65\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. 42413

Depósito Legal n.º 2705/83

Sumário

JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ (Leituras para a Semana de Oração)

- 2 Um Chamado Urgente para a Vitória
- 3 O Incomparável Cristo
Por Neal C. Wilson
- 5 Um Tempo de Oportunidade
Por Bert Haloviak
- 9 Legalismo, Licenciosidade ou Liberdade
Por W. Duncan Eva
- 11 A Redenção é Apenas para Pecadores Perdidos
Por Heinz Hopf
- 13 Justificados e Santificados:
O Objectivo de Deus para Nós
Por Clifford Goldstein
- 16 A Chuva Temporã e a Serôdia
Por Ralph Larson
- 18 De Laodiceia para o Triunfo
Por Carl Coffman
- 21 Falai do Amor e do Poder de Deus
Por Ellen G. White
- 25 JESUS QUER QUE EU VIVA COM ELE
(Leituras para os mais novos)
Por Aileen Andres Sox

(Tradução de M. N. Cordeiro)

O INCOMPARÁVEL CRISTO

O coração da mensagem de 1888

POR NEAL C. WILSON

Durante os últimos meses, temos ouvido e lido muito acerca da sessão da Conferência Geral de Menneapolis, de 1888, e sobre a mensagem de justificação pela fé, que foi tão assinaladamente trazida à atenção da igreja naquele tempo. Este ano, de certo modo, temos estado a comemorar o centésimo aniversário dessa mensagem.

Mas o que é que estamos, afinal, a tentar comemorar e realçar? Tendo participado em mais de 20 centenários em várias partes do mundo, descobri que há algo de doce-amargo nos aniversários. Estamos nós a comemorar o facto de que 100 anos se passaram? Lembremo-nos de que se tivéssemos aceitado completamente a mensagem de 1888 e sido fiéis aos reclamos de Cristo nas nossas vidas, todos estaríamos no nosso lar celestial há muito tempo. Estamos nós tentando salientar o crescimento espectacular na igreja, numérica e espiritualmente, durante esse período? Há alguns que tomariam firmemente posição por uma tal afirmação. Ou estamos nós tentando afirmar o facto de que o Senhor tem sido paciente para conosco durante um tão longo tempo e determinar que, se há ainda lições a aprender da experiência de 1888, pela graça de Deus, nós as aprenderemos sem mais demora?

Louvado seja Deus!

No começo desta semana, e especificamente na leitura de hoje, gostaria de colocar perante nós a nota tónica da minha mensagem, e aquilo que creio ser provavelmente o tema para as leituras de toda esta semana — louvado seja Deus!

Jesus é a nossa Justiça, a nossa Suficiência e Ele é o Incomparável Cristo!

A minha esperança, com a ajuda do Espírito Santo, é realçar a verdade da justificação pela fé e a necessidade de aceitar a justiça de Cristo. Eu espero revelar Cristo como nosso Substituto, Exemplo e Ajudador, e mostrar como a justificação pela fé é, «na verdade», a mensagem do terceiro anjo.

Esta mensagem deveria tornar claro que justificação pela fé é mais do que uma declaração legal. Não declara meramente o pecador justo, ela torna uma pessoa justa, capacitando-a a obedecer à lei de Deus. Isto envolve a ideia de que o sacrifício de Cristo na cruz é algo mais do que provisional. Ele cancela, na realidade, a condenação que sobreveio sobre todos os membros da família humana através da queda de Adão e provê justificação legal para o mundo inteiro. Portanto, cada pecador está eterna e infinitamente em débito para com Cristo, quer o reconheça ou não.

A fim de dar uma base bíblica à minha mensagem, consideremos duas passagens das Escrituras — uma, agora, como introdução, e outra mais tarde, como conclusão. «Dando graças ao Pai que nos fez idóneos para participar da herança dos santos na luz. O qual nos tirou da potestade das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do Seu amor. Em quem temos a redenção pelo Seu sangue, a saber, a remissão dos pecados. ... E Ele é a cabeça do corpo, a igreja; é o princípio e o primogénito dentre os mortos para que em tudo tenha a preeminência. Porque foi do agrado do Pai que toda a plenu-

de n'Ele habitasse. E que, havendo por Ele feito a paz pelo sangue da Sua cruz, por meio d'Ele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na Terra como as que estão nos Céus» (Col. 1:12-20).

A questão mais importante

Estes versículos dizem-me que Cristo é supremo, que ele é o Senhor de toda a criação, e que o Seu sangue na cruz me libertou do poder do pecado e de Satanás. Estes versículos dizem-me que Cristo é incomparável, o Seu nome está acima de todo o nome e é mais elevado do que as personalidades históricas e os pontos altos de um acontecimento 100 anos passados, mais elevado do que a questão se a igreja aceitou ou rejeitou a mensagem de 1888. A questão mais importante para mim, como indivíduo, hoje ou qualquer dia, é: *Que farei de Cristo?*

Os Adventistas do Sétimo Dia colocam grande ênfase na Bíblia como a Palavra de Deus. Tivemos o nosso começo no facto de que as igrejas então existentes pareciam estar a ignorar algumas porções importantes das Escrituras. Entre estas grandes verdades estavam as profecias do retorno literal de Jesus, profecias essas com significado imediato, Empenhámo-nos em proclamar essas profecias. Reconhecemos que os Dez Mandamentos estão ainda em vigor e que o sétimo dia, o Sábado, é não somente ainda a vontade de Deus, mas também um indicador distintivo de toda a nossa relação com Ele.

Os Adventistas do Sétimo Dia sentem-se «chamados ao reino» para proclamar estas «verdades presentes», para «restaurar a brecha», para fortalecer e estabelecer a autoridade da Bíblia como a Palavra de Deus.

Tomem as mensagens dos três anjos de Apocalipse 14, por exemplo. Os Adventistas sentem-se comissionados a proclamar estas mensagens. O primeiro anjo faz o apelo: «Temei a Deus, e dai-Lhe glória; porque vinda é a hora do Seu juízo. E adorai Aquele que fez o céu, e a Terra e o mar, e as fontes das águas» (Apoc. 14:7). Portanto, adoramo-l'O como Criador

e Salvador ao proclamar o Sábado do quarto mandamento e chamamos a atenção para o juízo investigativo que se está a desenrolar no santuário celestial.

O terceiro anjo adverte da ira de Deus sobre a besta e a sua imagem, e sobre todos os que receberem a sua marca. Portanto, salientamos a importância de escolher fazer a vontade de Deus, em oposição às tradições humanas.

Importantes como são estas coisas, a pergunta que deve ser feita é esta: «Onde está Cristo em tudo isto? Não é o coração da mensagem da hora do juízo o facto de que Cristo é o nosso sumo sacerdote?» Ele é o nosso advogado no santuário celestial. Mas não podia ser um sacerdote eficiente se não houvesse um sacrifício. Graças a Deus, Jesus é o nosso sacrifício, assim como o nosso sumo sacerdote. Ele morreu em nosso lugar, a fim de que pudéssemos ser livres.

A expiação constitui boas-novas

No coração da mensagem do primeiro anjo está a expiação de Jesus Cristo. Nós não cremos na teoria da influência moral da expiação, a qual professa que poderia haver salvação sem o derramamento de sangue no Calvário. Nós afirmamos que não há nenhum evangelho eterno sem a expiação. As boas-novas que devem ser proclamadas com uma grande voz a toda a nação, tribo, língua e povo é que Jesus Cristo pagou o preço pelo pecado. A morte de Jesus na cruz remiu a raça humana inteira da sentença de morte. Boas-novas estupendas! Maravilhosa mensagem! Não é ela digna dos nossos mais elevados esforços para a proclamar ao mundo?

E a terceira mensagem angélica é algo mais do que um aviso de desgraça. A advertência destina-se àqueles que olham para os esforços humanos como meio da salvação em vez de aceitarem a expiação de Cristo. Notem o versículo 12 do Apocalipse 14 (que é parte, como sabem, da mensagem do terceiro anjo): «Aqui está a *paciência* dos santos.» Noutras palavras, aqui estão aqueles que estão dis-

postos a esperar no Senhor, em vez de tentarem fazer coisas por si mesmos.

«Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.» Isto pode ser interpretado como sendo fé em Jesus, ou a fé que Jesus tinha. Qualquer maneira ou ambas são correctas. Os santos são aqueles que olham para Jesus, para a sua salvação, que dependem d'Ele para terem o Seu caminho nas suas vidas.

As três mensagens angélicas, portanto, são uma afirmação de justiça pela fé.

Justiça pela fé é a frase que acima de outras é utilizada para descrever a mensagem de 1888. É uma frase que ouviu antes e que ouvirá de novo durante esta série de leituras da Semana de Oração. É importante que saibamos o que significam as palavras «justiça pela fé», e o que elas não significam. Isto é especialmente verdade à luz da seguinte declaração: «Mas isto eu bem sei, que as nossas igrejas estão morrendo por falta de ensino sobre o tema de justiça pela fé em Cristo, e verdades semelhantes.» (*Obreiros Evangélicos*, p. 301).

Viver Correcto

Para apreender o significado do termo, tomemo-lo em separado e examinemos as partes. Depois podemos utilizar linguagem simples de conversação e reunir as partes de novo e mais facilmente compreender o todo. *Justiça* tem sido definida, talvez, simplisticamente, como «viver correcto». É isso, mas é mais; significa estar bem com Deus, tendo todos os nossos pecados perdoados, estando habilitados para a vida eterna com Deus no Seu reino.

Não podemos tornar-nos a nós próprios justos para com Deus: Isso vem de uma Fonte fora de nós mesmos.

Mas essa espécie de vida perante Deus não é algo que possamos alcançar por nós mesmos. Não podemos tornar-nos a nós próprios justos para com Deus. Não importa quão bons sejamos deste dia em diante, não podemos neutralizar os pecados que já cometemos. Sim, é verdade, Deus deseja que sejamos perfeitos. Mas ainda que pudéssemos ser perfeitos de agora em diante, não podíamos apagar as nossas imperfeições do passado ou o facto de que fomos concebidos em pecado.

Esse viver correcto perante Deus deve vir duma fonte fora de nós mesmos. Alguém além de nós deve fazer a expiação para os nossos pecados passados. Esse Alguém é Jesus Cristo. Ele fez a expiação. Ele morreu pelos nossos pecados; Ele não somente apaga e limpa o registo. Jesus aceitou a culpa dos nossos pecados e tomou a punição por eles! Agora, com os nossos pecados fora do caminho, temos um viver correcto perante Deus. E quem merece o crédito? Não nós, certamente; mas sim Jesus!

A nossa parte é escolher

Mas como indivíduos, temos, na realidade, uma parte em tudo isto. Quando Cristo morreu na cruz, Ele morreu pelos pecados de todo o mundo. Ele pagou o preço pelos pecados de todos, tudo duma vez. Mas Deus não nos salva contra a nossa vontade. Foi mediante a nossa vontade que escolhemos pecar em primeiro lugar; a nossa vontade deve estar envolvida na nossa salvação. Com a nossa vontade escolhemos beneficiar-nos da justiça que está disponível em Cristo Jesus.

Fazemos essa escolha porque cremos que Jesus morreu, que Ele morreu pelos nossos pecados, e que Ele nos dará vida eterna. Tomamos a Deus pela Sua Palavra!

Isso é fé; isso é o que o apóstolo Paulo quis dizer quando disse que somos salvos pela fé.

Não é a nossa fé que nos salva; Deus é quem nos salva. Deus providencia a salvação e até nos supre com a fé pela qual essa salvação se torna nossa, mas nós fazemos a escolha de a aceitar.

Esta justiça da qual falamos não é apenas um *status*, ou uma condição. É uma boa reputação e um viver correcto. Jesus não apenas nos veste com as Suas vestes puras; em adição, mediante o Espírito Santo, Ele entra nos nossos corações e faz aí morada. A nova criatura em que nos tornamos é um cristão. Revestimo-nos da natureza divina; os nossos pensamentos são os Seus pensamentos, as nossas acções são as Suas acções. Agora partilhamos os Seus objectivos e usamos os Seus métodos.

Quando o pecador compreende e crê nesta verdade, ele experimenta a justificação pela fé. Isto inclui uma experiência de coração; não é meramente um registo de entrada nos livros do céu. A fé deve ser definida como uma apreciação de coração pelo amor de Deus revelado na cruz. Isto é distinto da ideia popular evangélica de que a fé é uma confiança egocêntrica em Deus. A fé genuína, do Novo Testamento, que foi reavivada na mensagem de 1888, opera por intermédio do amor *agape*, isto é, amor festivo dos cristãos primitivos, acompanhado de acção de graças. Demonstra a sua genuinidade mediante a obediência a todos os mandamentos de Deus.

Assim, as vidas e corações humanos são mudados pela expiação, não pelo temor da destruição ou pela esperança da recompensa. É quando estamos nesta disposição de coração que Cristo pode realizar a Sua vontade em nós. Esvaziados do eu, sem nenhum pensamento do «eu», estamos preparados para ser moldados e aparelhados na similitude de Cristo. Um indivíduo ou igreja não pode compreender, crer e aceitar o puro evangelho e permanecer morno. Esta é a razão por que Ellen White disse quando pela primeira vez ouviu a mensagem de 1888: «Cada fibra do meu coração disse amem.»

Nas salas de discussão teológica, algumas pessoas descreveriam o papel de Jesus na nossa salvação dando ênfase a um aspecto ou outro. Alguns dizem que Ele é o nosso legislador e juiz. Outras dizem que Ele é o nosso amigo e advogado. Similarmente, alguns dizem que Jesus é o nosso exemplo e ou-

tros dizem que Ele é o nosso substituto. A verdade é esta, Ele é tudo isto! Ele é também o nosso ajudador, Aquele que nos ajuda a viver a vida correcta. Como diz o apóstolo Paulo, Ele é o nosso tudo e em todos. Sem Jesus e o Espírito a operar nos nossos corações, nós nem sequer desejaríamos ser rectos para com Deus. Mas ao compreendermos a realidade de que o salário do pecado é a morte eterna, clamamos por livramento.

Na cruz

Depois contemplamos Cristo na cruz e compreendemos que Ele fez isso porque nos ama como um amor eterno. O amor que conduziu Cristo ao Calvário arrasta-nos para Ele. Vemos a Sua vida santa e comparamo-la com a nossa vida de rebelião. Envergonhados pelo pecado que custou a Jesus a Sua vida, arrependemo-nos e lançamo-nos aos Seus pés. Tudo isto é realizado pelo acto maravilhoso da expiação: isso mostra-nos a enormidade do pecado; isso enche-nos de amor por Ele como nosso Salvador pessoal; isso paga o preço pela nossa transgressão, isso provê-nos o exemplo duma vida des-

pida do eu; isso canaliza para nós o poder duma vida como a d'Ele.

Todo o meu ser responde nas palavras de Filipenses 2:9-11: «Pelo que também Deus O exaltou soberanamente, e Lhe deu um nome que é sobre todo o nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra e debaixo da terra. E toda a criatura confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai.»

Meus irmãos e irmãs e amigos: Quem se pode comparar com Ele? Apresento-vos o Incomparável Cristo!

Perguntas para discussão

1. Como é Cristo a resposta para o desespero da humanidade?

2. Como é a justiça pela fé mais do que um conceito racional e teológico?

3. Porque não pode haver lugar algum para o mérito humano na salvação?

4. Que parte desempenhamos na justiça pela fé?

Neal C. Wilson é presidente da Conferência Geral.

Domingo, 27 de Novembro

UM TEMPO DE OPORTUNIDADE

Para reafirmar a justificação pela fé

POR BERT HALOVIK

Precisamente no dia 22 de Outubro de 1988, o dia do quadragésimo quarto aniversário do grande desapontamento, foi dada aos Adventistas do Sétimo Dia uma oportunidade de aclamar a vida e a morte de Cristo como a única base para a justificação.

A sessão de 1888 da Conferência Geral iniciou os seus trabalhos em Minneapolis, Minnesota, com 91 membros presentes. Às 9,00 h

da manhã, E. J. Waggoner, de acordo com o jornal local, continuou a sua discussão: «Lei e Gálatas, ou justificação pela Fé».

Sabendo que as tentativas para interpretar a lei em Gálatas como sendo a lei moral ou cerimonial, iriam excitar os ânimos, tanto A. T. Jones como E. J. Waggoner procuraram afastar-se da área controversa da lei e realçar o «evangelho» em Gálatas. A sua

decisão trouxe a doutrina da justificação pela fé para a linha da frente para renovada discussão na Igreja Adventista.

O ponto de vista dos pioneiros sobre a justificação

Num estudo apresentado seis anos antes, na sessão da Conferência Geral de 1882, J. H. Waggoner (pai de E. J. Waggoner) citou o teólogo Hooker, que definiu a justificação, de que Paulo falou na epístola aos Romanos, como consistindo em «tratar o homem pecador como se ele fosse justo». Hooker dizia que a justificação é algo que ocorre «sem nós, que a temos por imputação». Waggoner realçou a justiça pela fé como sendo «aquilo que alguém faz *por nós*», e não o resultado de obediência pessoal.¹

Embora o ponto de vista de Hooker fosse sã, Waggoner e outros pioneiros da igreja impuseram limitações sobre o seu escopo. Eles pensavam que a justificação se aplicava apenas ao perdão inicial. Para eles a justificação não era suficiente para a salvação. Era meramente, de acordo com Waggoner, o meio de tornar o crente «passivamente justo» perante Deus, «como Adão era justo perante Deus na criação». Por conseguinte, a salvação final de um crente, após a justificação, dependia da sua actuação. Os pioneiros acreditavam, não obstante, que o poder para obedecer aceitavelmente ainda vinha de Cristo.

Waggoner viu o seu ponto de vista como que harmonizando duas afirmações contraditórias sobre a justificação, uma do apóstolo Tiago (Tiago 2:21, 22) e a outra do apóstolo Paulo (Rom. 4:1-3). Waggoner interpretou o apóstolo Paulo como falando da justificação para pecados *passados* e o apóstolo Tiago como não falando do passado — «Aquilo sobre o qual as nossas acções não têm qualquer controlo» — mas como falando «da formação do carácter pelas nossas próprias acções. Tudo isto é realizado *depois* de sermos justificados pela fé.»² A apresentação de Waggoner em 1882, apoiou o ponto de vista dos pioneiros.

Uma vez que os pioneiros limitavam todos os conceitos substitucionários e legais à justificação para pecados do passado, eles *confiavam primariamente na santificação como a base da sua esperança para a salvação final*. Considere a definição de salvação de Urias Smith: «O plano da salvação (está) designado a colocar cada indivíduo da família humana sob sua própria responsabilidade com respeito ao seu destino futuro.» Esta afirmação de Smith mostra que ele mantinha que Cristo morreu para provar o meio de perdão e para libertar a todos do «pecado de Adão», mas que «cada um permanece depois sobre os seus próprios méritos.»³

Esta visão defeituosa da doutrina da justificação conduziu ao desenvolvimento de um sistema de crença religiosa legalista que afectou tanto as apresentações públicas da igreja como a experiência espiritual dos seus membros.

Série de Conferências em Battle Creek em 1885

Um pouco mais de dois anos após a apresentação de Waggoner, dirigentes da igreja apresentaram uma série de 32 conferências públicas à comunidade de Battle Creek nas quais esboçaram as crenças e os ensinamentos básicos dos Adventistas do Sétimo Dia. Mas às conferências, com a sua demasiada ênfase na obediência, faltou-lhes o reavivador sumo de uma perspectiva básica Cristocêntrica. As conferências de 24 de Fevereiro a 1 de Abril de 1885 receberam grande cobertura jornalística da parte do jornal *Daily Journal*, de Battle Creek. Durante mais de um mês, a maior parte das pessoas de Battle Creek encheram completamente os 7 000 lugares do Tabernáculo de Battle Creek ou leram no jornal acerca dos Adventistas do Sétimo Dia.

Todavia, nem uma palavra foi proferida sobre justificação. A ênfase na interpretação profética apelava à obediência à lei a fim de escapar aos perigos dos últimos dias. A obediência à lei, graficamente apresentada num quadro, providenciava a entrada no breve

reino vindouro. Publicadas em forma de panfleto, o «Curso de Palestras do Tabernáculo» ilustra a aridez do velho sistema, sem a perspectiva básica Cristocêntrica.

Outro conceito, que também contribuiu para a ênfase sobre a obediência nos Adventistas primitivos, foi o facto de os dirigentes estarem convencidos de que a última reforma do Adventismo antes da vinda de Cristo já tinha ocorrido. A terceira mensagem angélica, na ideia deles, centrava-se quase completamente sobre o Sábado. Eles pensavam que a já instituída reforma do Sábado haveria de preparar o mundo para a volta de Jesus. Quando o presidente da Conferência Geral procurou evangelizar os habitantes de Battle Creek, o evangelho tornou-se a lei escrita sobre o coração. A última mensagem, afirmou George Butler, «apresenta a lei de Deus e o evangelho na sua pureza» e era «um trabalho evangélico» que se centrava sobre a obediência ao mandamento do Sábado. «Peço-vos que considereis que (a vossa) obediência é a coisa suprema», exortou ele os ouvintes.

Falta de certeza em Cristo

Além das conferências públicas, começaram a manifestar-se falhas na experiência espiritual dos membros quando perseguições por causa do Domingo nos estados do Tennessee e Arkansas levaram à prisão de vários membros. A ameaça de uma lei dominical nacional começou a levantar o espectro da aproximação, para breve, de um tempo de tribulação.

Vislumbres nas cartas de ministros dirigentes, daquele tempo, revelam sentimentos de inadequação espiritual ao pensarem sobre os últimos acontecimentos da terra e a sua própria preparação. Um número considerável escreveu a Ellen White e expressaram a preferência de serem colocados nas suas sepulturas antes do teste final.

Uma questão introspectiva surgiu entre os Adventistas: «Crê que a sua justiça pessoal é suficiente para passar a escrutínio de Deus?» A crença teológica dos pioneiros requeria uma resposta sim. Mas as

sensibilidades interiores de muitos Adventistas — tanto de ministros como de membros leigos — respondia não. Chegara o tempo oportuno para se estudar mais a fundo a doutrina da justificação pela fé. A sessão da Conferência Geral de 1888 proveu essa oportunidade.

Minneapolis: Um passo na direcção certa

Nessa sessão de Minneapolis, E. J. Waggoner e A. T. Jones apresentaram palestras que transcendiram a teologia dos pioneiros. Eles buscaram o «evangelho» em vez de a lei em Gálatas e em Romanos. Eles descobriram que é a justiça de Cristo, e não «a nossa justiça», que é a base para passarmos o teste final.

Embora estes irmãos tivessem provido uma correcção à visão anterior e apontassem à igreja uma nova direcção, a sua própria perspectiva também tinha limitações. Faltava-lhes, aparentemente, uma clara percepção do objectivo e da natureza forense da justificação. O conceito de que Deus imputa a justiça de Cristo ao crente e à conta do pecador no céu quando ele aceita a Cristo como Salvador e Senhor não foi claramente definido.

O conceito de perdão ilustra as suas limitações. A. T. Jones e E. J. Waggoner acreditavam que os pecados eram perdoados numa transacção literal no interior do indivíduo, em vez de ser uma acção passada no Céu na qual Deus declara um pecador penitente como sendo justo, imputando-lhe a justiça de Cristo. Eles pensavam que a justiça de Cristo era literalmente infudida no crente no lugar do seu pecado: «Quando Deus redime — afasta — o pecado, Ele faz isto ao colocar a justiça no seu lugar. Onde antes havia pecado, agora aparece perfeita justiça.»⁴

Embora esta transacção fosse repetidas vezes referida confusamente em terminologia com som objectivo, o exame do completo sistema teológico de Jones e Waggoner, tanto antes como depois de 1888, e mesmo através de toda a sua carreira, revela que eles pensavam que a transacção ocorria sub-

jectivamente — não fora do crente. Proclamava Waggoner: «A justiça de Deus é *declarada* para a remissão dos pecados de todos aqueles que creem em Jesus. Ele cura a doença ao colocar a saúde no seu lugar. A justiça que é *trazida ao* pecador crente, mediante o evangelho, é a mesma coisa exactamente como a justiça da lei, pois ela é testemunhada pela lei.»⁵

Compreendendo a justificação

Relatórios indicam claramente que os dirigentes da igreja não desejavam uma inovação teológica em 1888.⁶ Um espírito de confrontação, em vez de uma fervorosa busca da verdade, prevaleceu nas reuniões da Conferência Geral. Ellen White observou: «Não permita Deus (que) alguma coisa jamais aconteça outra vez como aquela que transpareceu em Minneapolis.» Ela escreveria também que um espírito de farisaísmo e intolerância tinha provido uma boa oportunidade a Satanás em Minneapolis.»⁷

Uma visão defeituosa da justificação conduziu a um sistema legalista de crenças pelos pioneiros da igreja

Embora o anterior ponto de vista dos dirigentes da igreja, bem como o de Waggoner e Jones tivessem defeitos, cada perspectiva tinha algo a oferecer à outra. Se o espírito de Cristo tivesse prevalecido, uma harmoniosa combinação do melhor de ambos os sistemas poderia ter sido alcançado em Minneapolis: A integração do foco objectivo dos pioneiros sobre justificação (embora limitada) e a análise Cristocêntrica de Jones e Waggoner (que a salvação estava baseada na justiça de Cristo e não nas realizações do indivíduo) poderia ter dado aos Adventistas a

mensagem completa da salvação que era necessária. Tal união teria evitado a multiplicidade de aberrações teológicas que a igreja sofreu durante a década seguinte.

Sozinha entre os Adventistas da época, Ellen White, sem a análise exegética quer dos pioneiros quer de Jones e Waggoner, combinou o melhor de ambos os sistemas. Num carta a Urias Smith, Ellen White apontou para a mensagem da «justificação pela fé e a justiça de Cristo (como) temas a serem apresentados a um mundo que perece.»⁸ Na verdade, ela afirmou: «Um interesse prevalecerá, um tema absorverá todos os outros — Cristo nossa justiça.»⁹

Num artigo escrito para a *Review* intitulado «Cristo, o Caminho da Vida», Ellen White afirmou claramente a sua compreensão sobre a justificação pela fé. Ela combinou o foco objectivo celestial dos pioneiros com a nova visão de justiça como dom da fé, apresentada por Jones e Waggoner:

«A única maneira em que (o pecador) pode alcançar a justiça é mediante a fé. Pela fé ele pode trazer perante Deus os méritos de Cristo, e o Senhor coloca a obediência do Seu Filho na conta do pecador. A justiça de Cristo é aceita no lugar do fracasso do homem, e Deus recebe, perdoa, justifica a alma crente arrependida, trata-a como se fosse justa, e ama-a como ama o Seu Filho. Esta é a maneira como a fé é contada como justiça.»¹⁰

Ellen White viu a necessidade da mediação contínua de Cristo, um conceito que transcendia o ponto de vista dos pioneiros que relegavam a justificação unicamente para o passado. «A Sua mediação assegura-vos tudo o que a vossa fé reclama», observou ela.¹¹ O seu foco fez da justificação uma necessidade sempre presente, uma verdade que provê para o crente uma certeza e segurança verdadeiras em Cristo:

«Os serviços religiosos, as orações, o louvor, (e) a confissão penitente do pecado ascendem de crentes verdadeiros como incenso para o santuário celestial, mas passando pelos canais corruptos da humanidade, ficam tão poluídos

que a não ser que sejam purificados com sangue, nunca podem ter valor para com Deus. ... Ele recebe neste incensário as orações, o louvor e as confissões do Seu povo, e com estes Ele coloca a Sua própria imaculada justiça. Então, perfumados com os méritos da propiciação de Cristo, o incenso sobe até Deus inteira e completamente aceitável. Então graciosas respostas são devolvidas.»¹²

Num dos seus livros mais amplamente difundido, *Aos Pés de Cristo*, Ellen White combinou também as duas ênfases de justificação e santificação num quadro equilibrado do processo da salvação. Ela viu a obediência à lei de Deus (a Sua vontade) como um fruto de genuína justificação: «Devido ao seu (de Adão) pecado as nossas naturezas estão caídas e não podemos tornar-nos justos. Uma vez que somos pecaminosos, não santificados, não podemos obedecer perfeitamente à santa lei. Não possuímos justiça alguma em nós mesmos com a qual preencher as exigências da lei de Deus. Mas Cristo abriu um caminho de escape para nós. Ele viveu na terra no meio de provações e tentações semelhantes às que temos de enfrentar. Viveu uma vida imaculada. Morreu por nós, e agora ofereceu-Se para tirar os nossos pecados e dar-nos a Sua justiça. Se vos derdes a Ele, e O aceitardes como vosso Salvador, então pecaminosa como possa ter sido a vossa vida, por Sua causa sois considerados como justos. O carácter de Cristo toma o lugar do vosso carácter, e

sois aceitos diante de Deus exactamente como se não houvésseis pecado.

«Mais do que isto, Cristo muda o coração. Ele habita no vosso coração pela fé. Deveis manter esta ligação com Cristo pela fé e a contínua rendição da vossa vida a Ele; e enquanto isto fizerdes, Ele operará em vós tanto o querer como o efectuar segundo a Sua boa vontade. Deste modo podeis dizer: 'A vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o Qual me amou e Se deu a Si mesmo por mim.' (Gál. 2:20). ... Então com Cristo a operar em vós, manifestareis o mesmo espírito e fareis as mesmas boas obras — obras de justiça, obediência.

«Por conseguinte, nada temos em nós mesmos pelo qual nos vangloriar. Não temos motivo algum para exaltação própria. A nossa única base de esperança está na justiça de Cristo a nós imputada, e nessa justiça operando pelo Seu Espírito em nós e por nós.»¹³

O nosso tempo de oportunidade

Como pôde uma igreja errar no seu estudo da justificação? Simplesmente por isto: a igreja de há cem anos estava desviada do caminho. Animosidade teológica entre os dirigentes impediu que o tema da justificação fosse discernido como questão essencial. Mas as numerosas identificações de Ellen White da «justiça de Cristo» e «justificação pela fé» como a nova mensagem são demasiado numerosas para serem questionadas.

Temos agora a oportunidade de reafirmar a nossa crença na justificação pela fé. Com efeito, o facto de Ellen White designar a justificação pela fé como sendo «em verdade» a terceira mensagem angélica, é um chamado ao reavivamento e à reforma dentro da Igreja Adventista.

Ao comemorarmos os tempos e as questões que surgiram na sessão da Conferência Geral em Minneapolis em 1888, devemos compreender de novo que proclamar a verdade da justificação pela fé, as notícias de que «Cristo é a nossa justiça», proporciona genuína confiança e segurança aos crentes que vivem na aproximação do fim do mundo. □

Referências:

- 1 J. H. Waggoner, «Justification by Faith». *Bible Students Library*, 16 de Julho de 1889, pág. 2.
- 2 *Ibidem*, págs. 8-10.
- 3 Urias Smith, «The Penalty of Adam's Sin», *Gospel Sickle*, 15 de Setembro de 1888.
- 4 E. J. Waggoner, «The Law in the Gospel», *Signs of the Times*, 18 de Março de 1889.
- 5 *Ibidem* (itálicos acrescentados).
- 6 George Butler, «A Circular Letter to All State Conference Committees and our Brethren in the Ministry.»
- 7 Ellen White to Children of the Household, 12 de Maio 1889.
- 8 Ellen White a Urias Smith, 19 de Setembro, 1892.
- 9 Ellen White, «Sede Zelosos e Arrependei-vos!», *Review and Herald, Extra*, 23 de Dezembro de 1890.
- 10 *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, p. 367.
- 11 *Este Dia com Deus*, p. 364.
- 12 *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, p. 344.
- 13 *Aos Pés de Cristo*, págs. 65-66.

Perguntas para Discussão

1. Porque deveria o tempo de tribulação levantar questões de segurança espiritual em Cristãos que se estão esforçando por fazer a vontade de Deus?

2. Em que diferiam os pontos de vista sobre justificação pela fé dos pioneiros Jones-Waggoner e Ellen White?

3. Que poderia ter acontecido em 1888 se um espírito de verdadeira unidade tivesse prevalecido?

4. Em que sentido mantém o ministério de Ellen White relevância para nós hoje?

Bert Haloviak é director assistente do Departamento de Arquivos e Estatísticas da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, em Washington, D. C.

PENSANDO EM MORDOMIA...

«Foi-me mostrado que é um erro usar o dízimo para atender a despesas ocasionais da igreja. Neste ponto, tem havido um desvio dos métodos correctos... Estais roubando a Deus cada vez que pondeis a mão no tesouro a fim de tirar fundos para atender às despesas correntes da igreja.» — Special Testimony to Battle Creek Church, pág. 6, 7 (Agosto de 1896)

LEGALISMO, LICENCIOSIDADE OU LIBERDADE?

A Lei e o Evangelho em Gálatas

POR W. DUNCAN EVA

Três anos antes da sessão da Conferência Geral em 1888, o pioneiro Adventista E. J. Waggoner escreveu vários artigos para os *Sinais do Tempo* nos quais argumentou que a lei moral — os Dez Mandamentos — era a lei a que se referia o apóstolo Paulo em Gálatas 3:24, como nosso «aio para nos levar a Cristo, para que possamos ser justificados pela fé.»

Os seus artigos levantaram forte oposição da parte de alguns dirigentes em Battle Creek que achavam que Gálatas 3:24 se referia à lei *cerimonial*. Em 1886, o presidente da Conferência Geral, G. I. Butler, publicou um livrinho de 85 páginas refutando o ensino de Waggoner e no qual afirmava que a lei referida em Gál. 3:24 era a lei *cerimonial*. Butler achava que a exegese de Waggoner minava a base da verdade do Sábado e expunha os ensinamentos dos Adventistas ao ridículo e aos ataques reais dos seus inimigos. Butler distribuiu o seu livrinho, *A Lei no Livro de Gálatas*, aos delegados reunidos para a sessão da Conferência Geral em 1886.

A fim de não se dar por vencido, Waggoner publicou um livrinho intitulado *O Evangelho em Gálatas*, e distribuiu-o aos delegados à sessão da Conferência Geral em 1888 em Minneapolis, Minnesota. O livrinho era uma impressão da sua longa carta escrita a Butler, em Fevereiro de 1847.

Durante a pré-sessão do instituto ministerial e da sessão de 1888, Waggoner apresentou uma série de estudos sobre Gálatas, nos quais deu ênfase à justificação pela fé. Mas existindo já preconceito contra a interpretação de Gálatas por Waggoner e um espírito de de-

bate e de contenda gerado por outros tópicos estudados durante o instituto ministerial, isso deu origem ao que Ellen White descreveu como «a mais dura e mais incompreensível disputa. (Nota do tradutor: semelhante ao jogo da corda em que um grupo puxa violentamente de um lado e outro grupo faz o mesmo do outro lado).» — *Mensagens Escolhidas*, Livro 3, p. 178). Quem pode avaliar a perda que o povo Adventista sofreu como resultado do seu orgulho e teimosia, do seu espírito de contenda e leviandade?

Que lei é o nosso aio?

A que lei se refere Gálatas 3:24: à lei *cerimonial*, como ensinava George Butler e outros criam, ou à lei *moral*, como ensinavam Ellet Waggoner e Alonzo Jones? Nenhuma luz específica veio através de Ellen White até 1896, quando ela afirmou: «Neste escritura (Gál. 3:24), o Espírito Santo através do apóstolo está a falar especialmente da lei moral» (*Ibidem*, Livro 1, p. 234; ver também p. 233).

Podemos surpreender-nos devido ao facto de Deus ter esperado oito anos, até conduzir os Adventistas do Sétimo Dia à verdadeira intenção desta passagem das Escrituras. Terá sido porque certos dirigentes continuavam a apegar-se tenazmente às suas próprias ideias, não obstante as manifestas operações do Espírito Santo em Minneapolis?

Em 1890 a irmã White escreveu: «Ora irmãos, não tenho nada a dizer, nenhuma preocupação a respeito da lei em Gálatas. Este assunto parece-me de menor consequência em comparação com o es-

pírito que introduzistes na vossa fé.» (Carta 83, 1890). Notai que ela não diz que não era importante compreender a que lei Gálatas 3:24 se refere. Uma clara compreensão das Escrituras é sempre importante. Mas tão pecaminoso era «o espírito que introduzistes na vossa fé» que «em comparação com» isso o assunto da lei em Gálatas era «de menor consequência». Aquilo que era de primeira importância era o pôr de lado o orgulho, a teimosia e a ira que havia alimentado a desunião.

Os laços de amor, confiança mútua e verdadeira unidade cristã devem ser em primeiro lugar restaurados. Só então a verdade da Palavra poderá brilhar com fulgor em toda a sua beleza e convincente clareza. Este princípio é tão verdadeiro para nós hoje, como o foi então, e especialmente ao recordarmos o que se passou em 1888.

A lei que é «o nosso aio para nos conduzir a Cristo» não pode dar vida (ver Gál. 3:21). O propósito desta lei é declarar «todos de baixo do pecado» (versículo 22) «para que toda a boca se cale, e todo o mundo se torne culpado perante Deus» (Rom. 3:19).

O apóstolo Paulo explica em Romanos 7:7 como ele compreendeu isto pessoalmente: «Eu não conhecera o pecado senão pela lei»... «Não cobiçarás.» «O pecado pelo mandamento», acrescenta ele, tornou-se excessivamente pecaminoso» (versículo 13), pois «pela lei vem o conhecimento (um conhecimento mais profundo e completo) do pecado» (Rom. 3:20). É desta maneira que a lei aponta e conduz pecadores a Cristo. A luz reflectida da cruz ilumina os seus preceitos e estende a oferta de perdão grátis — justificação pela fé — a todos os que crêem.

Quando uma pessoa estuda a epístola aos Gálatas ponderadamente (notando também os ensinamentos paralelos em Romanos e Filipenses), torna-se-lhe evidente que o apóstolo Paulo afirma que a observância da lei, quer *cerimonial* quer *moral*, não pode justificar uma pessoa. Literalmente, Gálatas 2:16 afirma que nenhum ser humano é justificado «pelas obras da lei».

O único meio de justificação para o pecador, perante a santa lei de Deus, é nada menos do que «a justiça de Deus que é pela fé de Jesus Cristo sobre todos e em todos aqueles que crêem: pois não há diferença alguma» (Rom. 3:22). No coração da heresia entre os Gálatas encontrava-se a tendência de colocar um tanto à margem Cristo e acrescentar obras humanas como também necessárias à salvação. Não temos muitos de nós também a tendência de fazer o mesmo hoje?

Legalismo

Podemos definir legalismo de muitas maneiras. No contexto da controvérsia sobre Gálatas, a intrusão de obras humanas na justificação do pecador perante Deus, mesmo que seja ao de leve, é legalismo. A justificação não é pelas obras, nem da fé mais as obras, mas somente e tão só pela fé em Cristo. Esta é a verdade do evangelho.

Era esta a espécie de justificação pela fé que Waggoner ensinava? Infelizmente não possuímos esboço algum dos seus sermões. Todavia, de acordo com os relatórios da pregação dos congressos de 1889 e 1890 publicados na *Review and Herald*, era o que Ellen White, A. T. Jones e E. J. Waggoner ensinavam imediatamente após a sessão da Conferência Geral de Minneapolis em 1888. E, enquanto o tempo ampliava a perspectiva nos anos que se seguiram às completas implicações da sessão de Minneapolis, a sua mensagem era clara e distinta. Notai as palavras de um artigo intitulado: «Justificados pela Fé», escrito por Ellen White e publicado em Abril de 1893:

«A grande obra que é realizada para o pecador, o qual se encontra manchado e maculado pelo mal, é a obra da justificação. Por Aquele que fala verdade *ele é declarado justo*. O Senhor *imputa* ao crente a justiça de Cristo e *pronuncia-o justo perante o universo*» (*Mensagens Escolhidas*, livro 1, p. 392, *itálicos nossos*).

Alguns consideram este ensino da justificação pela fé, este pronunciamento do pecador como justo e o ser olhado pelo Senhor

como se nunca houvesse pecado, como uma «ficção legal». Ellen White não parece ter-se incomodado com tais objecções. «Os pecadores», escreveu ela, podem ser justificados por Deus somente quando Ele perdoa os seus pecados, redime a punição que eles merecem e trata-os como se realmente fossem justos e não tivessem pecado, recebendo-os no favor divino e tratando-os como se fossem rectos. Eles são justificados somente através da justiça imputada de Cristo» (*Ibidem*, Livro 3, p. 194).

Licença para pecar?

Significa tal justificação que uma pessoa tem licença para pecar com impunidade? Muitos recearam que pudesse ser esse o caso. Mas tal sugestão é ilógica e ridícula. Embora não possamos encontrar padrões de viver justo explicitamente declarados numa única passagem da Escritura, a tendência geral da Palavra de Deus testifica que estes padrões tal como são apoiados pelos reclamos do evangelho são infinitamente mais altos do que os requisitos da letra da lei o poderiam jamais ser. A lei de Deus que é «santa, justa e boa» (Rom. 7:12) fala àquilo que está bem no fundo do coração e nos motivos. No seu coração, cada cristão conhece isto; o Sermão da Montanha torna isto tão claro como o cristal.

É o Espírito Santo que, à luz que emana da cruz, nos conduz a um profundo arrependimento. Ele não só desperta em nós o desejo de viver de acordo com a lei do Pai, mas capacita-nos também a viver desse modo. A verdade é que «nada atinge tão plenamente os mais íntimos motivos da conduta, como o sentimento do amor perdoador de Cristo.» (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 369).

Quão claramente afirmou isto o apóstolo Paulo ao escrever ao jovem pastor Tito: «Ele nos salvou, não porque tivéssemos feito coisas justas, mas devido à Sua misericórdia. Ele nos salvou mediante a lavagem do renascimento e da renovação pelo Espírito Santo, o qual Ele derramou generosamente sobre nós mediante Jesus Cristo

nosso Salvador, *de modo que, tendo sido justificados pela Sua graça*, possamos tornar-nos herdeiros, tendo a esperança da vida eterna. Esta é uma palavra fiel. *E eu quero que salientes estas coisas, de modo que os que confiam em Deus possam ser cuidadosos em se devotarem a fazer o que é bom*» (Tito 3:5-8, N.I.V.).

Esta é outra maneira de dizer o que Efésios 2:1-10 torna tão claro. Somos salvos pela graça e não pelas obras. Mas «nós somos feita Sua, *criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus ordenou anteriormente para que andássemos nelas.*» (versículo 10).

Liberdade em Cristo

Uma verdadeira compreensão da justificação pela fé nunca conduz à licenciosidade e ao abaixamento das normas. O seu efeito é exactamente o oposto. Verdadeira justificação conduz à verdadeira liberdade em Cristo. O pecador é liberto não apenas da escravidão do eu e da salvação pelas suas próprias obras, mas também da degradante servidão a Satanás. «Vós que antes éreis servos do pecado», escreveu o apóstolo Paulo, mas agora «fostes emancipados do pecado, tornastes-vos servos da justiça (Rom. 6:17-18, N.E.B.). Somente nos laços absolutos de Cristo encontramos completa liberdade. É um estranho paradoxo, mas é um paradoxo glorioso.

Fé salvadora

A fé em si mesma não é uma virtude ou uma obra que Deus recompense justificando-nos e santificando-nos. É uma dádiva ou dom de Deus (Rom. 12:3; Efés. 3:8) e é o meio pelo qual nos apropriamos das «grandíssimas e preciosas promessas» pelas quais nos tornamos «participantes da natureza divina» e escaparmos «da corrupção que pela concupiscência há no mundo» (II Pedro 1:4).

Escrevendo um ano e meio antes da sessão da Conferência Geral de Minneapolis em 1888, Ellen White resumiu de modo maravilhoso a salvação. Oxalá pudéssemos nós hoje compreender e apreender isto

de novo e de modo completo.

«O dinheiro não a pode comprar, o intelecto não a pode compreender, o poder não a pode ordenar; mas a todos aqueles que a aceitarem, Deus lhes dá gratuitamente a Sua gloriosa graça. Mas os homens podem sentir a sua necessidade, e, renunciando a toda a dependência própria, aceitarem a salvação como uma dádiva. Aqueles que entrarem no Céu não escalarão as suas paredes mediante a sua justiça própria, nem os seus portões lhes serão abertos por custosas ofertas de ouro ou prata; mas obterão a entrada para as muitas mansões da casa do Pai mediante os méritos da cruz de Cristo» (*Review and Herald*, 15 de Março de 1887; ver também *Filhos e Filhas de Deus*, Meditação Matinal de 1955, p. 233).

Pela nossa lealdade e amorosa obediência a Ele, as nossas vidas testemunharão, com clareza cada vez maior, da relação salvadora que temos com Aquele que é o nosso Redentor e Santificador. □

Perguntas para Discussão

1. Qual é o propósito da lei como aio, em Gálatas 3:24?
2. Qual é a essência do legalismo? Que formas toma ele?
3. Como é o evangelho um antídoto à licença para pecar?
4. É a obediência importante para a salvação? Se sim, como? Se não, porque não?

W. Duncan Eva, ex-vice-presidente da Conferência Geral, está actualmente reformado e reside em West Virginia.

Terça-feira, 29 de Novembro

A REDENÇÃO É APENAS PARA PECADORES PERDIDOS

Jesus busca os perdidos

POR HEINZ HOPF

Os jovens gostam de aventura. Uma caminhada, durante toda uma noite, na Floresta Negra da Alemanha Ocidental, proporcionou uma excitante experiência a 40 Desbravadores da nossa igreja. Nós planeámos o nosso empreendimento cuidadosamente. Tínhamos mapas, fósforos, comida, cama e roupa quente. Uma aguda expectativa do desconhecido emocionava os nossos corações. Duas horas antes da meia-noite chegámos ao nosso ponto de partida e daí partimos através dos bosques da floresta.

A Floresta Negra (uma extensa área florestal no sul da Alemanha) era na verdade negra. Os pinheiros altaneiros com os seus ramos arqueados, por cima da nossa pista,

impediam qualquer visão do céu. Não havia luar nem a luz de qualquer estrela, mas nós estávamos felizes, conversando e cantando. De repente, sentimo-nos calados, em silêncio, enquanto caminhávamos cautelosamente para evitar as raízes e os ramos na quase impene-trável escuridão.

Três horas depois eu tinha a plena certeza de que havíamos perdido o nosso caminho, e não tinha a mínima ideia da direcção certa. Para evitar causar medo ou confusão, decidi não dizer nada e continuar a caminhar numa aparente certeza. Não muito depois outros começaram a expressar dúvidas quanto a estarmos a seguir a direcção certa. Finalmente todo o grupo sabia: nós estávamos perdidos,

sem qualquer esperança de escapar da floresta e da escuridão durante as próximas horas. Esperámos pacientemente até que o sol nascesse, a fim de podermos determinar a direcção do nosso destino.

Pertencemos a uma geração perdida

Cinco biliões de seres humanos buscam o significado da vida, lutam por uma felicidade duradoura, combatem a doença e os problemas da velhice. Num certo sentido, a nossa população, que se pode comparar a uma partícula de poeira num remoinho, está lutando para regressar à vereda certa, perdida há cerca de 6.000 anos quando os nossos primeiros ancestrais se desviaram e perderam a sua orientação com Deus.

Nesse mesmo dia, a relação íntima de inquestionável confiança foi quebrada. Eles tentaram alcançar a oferta da ciência tentadora mais depressa do que mediante obediência e crescimento espiritual. A serpente propôs um atalho, e desse modo Adão e Eva pecaram. No meio do paraíso eles tornaram-se criaturas perdidas. A consequência da sua acção é trágica para nós todos: nós agora pertencemos a uma geração perdida. «Todos se extraviaram, juntamente todos erraram» (Rom. 3:12, R.S.V.). Hoje podemos fechar os nossos olhos e esconder-nos atrás das moitas, por nós feitas, da filosofia, mas temos de enfrentar a triste consequência: não há *vida* alguma à parte de Deus.

Quando Deus perguntou a Adão: «Onde estás?» (Gén. 3:9), a razão não foi para a informação de Deus, mas para a orientação de Adão. O primeiro casal tornou-se consciente de repente que tinha não somente perdido a sua confiança no seu Criador, mas também a sua justiça e santidade, paz e pureza, e tudo aquilo que proporcionava completa harmonia aos seus dias no Éden. Em breve compreenderam que tinham perdido também o seu lar e os confortos do Éden.

Eles estavam perdidos e infalivelmente condenados à morte eterna. Sentindo o seu pecado, «o ho-

mem e a sua mulher esconderam-se da presença do Senhor» (Versículo 8). O seu miserável destino proveio da sua separação do Doador da vida. O chamado de Deus a Adão penetrou o silêncio mortal do desespero humano. Foi a primeira tentativa de Deus num empreendimento secular de «buscar e salvar os perdidos» (Lucas 19:10).

O engano do Progresso Humano

O pecado corta sempre as cordas, interrompe a comunicação, conduz ao isolamento e à solidão, enche o coração de temor e desespero e rouba-nos a vida eterna. Mesmo hoje este é o gosto amargo do doce fruto do pecado.

Muito indivíduo, auto-suficiente, está convencido do progresso do estádio dos seus ancestrais semelhantes a animais ao clímax dum super-humanidade, dos selvagens primitivos da Era da Pedra para a civilização altamente técnica. Todavia, Deus ainda chama. E através da voz do Seu Espírito, alguns compreendem que se estão deteriorando e não progredindo.

Um homem num compartimento dum comboio parecia bem educado. Estava informado sobre política, ciência e economia. Ele tinha boas maneiras e era refinado, mas quando ouviu mencionar o nome de Jesus na conversação, sorriu gentilmente e atalhou: «Vós podeis necessitar deste Jesus, muito bem, mas no que me diz respeito, eu passo muito bem sem Ele.»

Que ignorância, se não arrogância! Ninguém pode «passar» sem Ele! Ele é não somente o Criador de todas as coisas, mas é também o Sustentador do Universo (Heb. 1:3). E Ele é o Redentor do mundo (João 4:42). Se não fosse pela Sua graça, todo este mundo não sobreviveria por mais um segundo sequer. Verdadeiramente este homem educado era um dos filhos perdidos de Deus.

O engano da piedade exterior

Mesmo entre os membros da família de Deus, muitos se desviarão se dependerem deles mesmos. «Muitos se perderão enquanto esperaram e desejaram ser cristãos.

Não chegam ao ponto de se renderem à vontade de Deus,» diz Ellen White (*Aos Pés de Cristo*, p. 49).

Muitos não crêem ou admitem que por nascimento e natureza são criaturas perdidas. Tentam arduamente realizar os actos exteriores de uma vida convertida, mas nunca experimentaram uma relação última, duradoura e significativa com o seu Salvador. A sua tragédia não reside apenas de se encontrarem perdidos no meio dos filhos de Deus. A sua tragédia é ignorância. «Há caminho que parece recto ao homem, mas o seu fim é a morte.» (Prov. 14:12).

Muitos nasceram, talvez, em famílias Adventistas. Estes perdidos nunca caíram nas profundezas do viver mundano, e consideram-se fiéis seguidores de Jesus. Todavia, podem estar-se escondendo atrás das folhas de figueira de justiça auto-produzida, tais como observância do Sábado, reforma da saúde, vegetarianismo. Não tomam tempo para rendição diária ou oração suficiente e comunicação com o Senhor. Consciente ou inconscientemente movem-se na direcção errada. «Todos nós, como ovelhas, nos desviámos; volve-mos, cada um de nós, ao seu próprio caminho» (Isa. 53:6). E no juízo o Senhor tem que declarar: «Nunca vos conheci» (Mat. 7:23).

Somente quando eu sei e confesso que sou um pecador perdido, pode o Senhor ajudar; a redenção é apenas para pecadores perdidos.

Atraídos pelo amor

Devemos agradecer a Deus por Ele ainda estar a procurar e a chamar. «Onde estás?» Este grande tema percorre todas as Escrituras. É o fundamento da esperança humana, a mais clara revelação do amor do nosso Mestre, a própria essência do evangelho. Jesus «veio buscar e salvar os perdidos.»

Na Sua emocionante parábola do filho pródigo, Jesus descreve a história de um indivíduo. Não era devido ao mérito do filho que ele pertencia à casa do seu pai. Não fora o filho que acumulara toda a riqueza. Todavia ele pediu a sua parte dos bens do seu pai — «dá-me a parte da propriedade que me

cabe» (Lucas 15:12).

A tragédia começou na casa do pai: o filho perdeu a afeição pelo seu pai. Ele perdeu a sua gratidão e o seu respeito. E ele perdeu o seu lar.

Mais tarde perdeu os seus princípios, a sua pureza, o seu dinheiro, os seus bens, os seus amigos. Abandonaram-no a paz, a alegria e a felicidade. Ele chegou à conclusão de que «já não sou digno de ser chamado teu filho» (versículo 21).

Uma pessoa sem esperança, significado e respeito próprio acha a vida sem sentido. Quando o filho chegou a este ponto, ele estava capacitado a reconhecer, talvez pela primeira vez, os resultados da sua decisão egoísta anterior. «Quantos dos jornaleiros do meu pai têm abundância de pão e eu aqui pereço de fome» (versículo 17). O apóstolo Paulo afirma: «O salário do pecado é a morte» (Rom. 6:23).

Mas nas profundezas do seu desespero, foi capaz de lembrar-se da imagem do seu pai. Ele sabia, de certeza, que o seu pai não o rejeitaria. O amor do coração do seu pai puxou-o e atraiu-o de longe. Quando o filho regressou, o seu pai correu a encontrar-se com ele e a recebê-lo em casa.

O amor de Cristo é todo-suficiente

Existem muitos filhos e filhas perdidos hoje em dia. A todos eles estende o Pai celestial o Seu amor: «Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o Seu único Filho» (João 3:16). Responderão eles? É um pensamento reconfortante saber que ninguém poderia ter investido maior amor do que Ele o fez. Ninguém poderia ter dado um maior sacrifício do que o fez Jesus. «Nenhum homem tem maior amor do que este, que um homem deponha a sua vida pelos seus amigos» (João 15:13).

Mera conversa acerca da redenção, sem partilhar o calor da afeição de Cristo para com aqueles que precisam de ajuda, nunca moverá coração algum. Deveríamos procurar imitar a Jesus, que não deixa nada por fazer para buscar e salvar cada alma.

Ninguém ama mais intensamente do que Ele, ninguém busca mais perseverantemente do que Ele. Jesus não olha com desprezo a ninguém, mesmo o mais indigno, nem Lhe escapa o mais ténue suspiro. Ele enumera cada lágrima de arrependimento e sente cada anseio por perdão.

«E Eu, quando for levantado da Terra, todos atrairei a Mim» (João 12:32). O anseio do Seu coração alcança todos os homens, mas nunca força ninguém contra a sua própria vontade. A cruz do Calvário é suficiente para salvar a todos da desvantagem de terem nascido num mundo pecaminoso. Ninguém se perderá para a eternidade devido ao pecado de Adão. Se alguém perecer, isso será unicamente devido à sua rejeição do amor salvador de Cristo. O Grande Pastor ainda deixa as 99 e vai à busca da única que se perdeu (Lucas 15:4).

Cristo não se sente satisfeito simplesmente por alcançar algumas pessoas excelentes no cimo da pirâmide social. Quando Jesus veio à terra, Ele buscou alcançar o sumo sacerdote, Nicodemos, Pilatos e outros dos níveis superiores da sociedade. Mas Ele foi mais longe, aos endemoninhados entre os sepulcros (Marcos 5:1-19), ao publicano sentado nos ramos da figueira, (Lucas 19:1-9), e à mulher samaritana de má reputação junto ao poço da aldeia (João 4:7-29).

Nenhum lugar era demasiado remoto para Jesus procurar os Seus filhos perdidos. Mesmo quando pregado na cruz, Jesus prometeu a salvação a um criminoso convicto. Quando Jesus exclamou: «Meu Deus, meu Deus, porque Me desamparastes?» (Mat. 27:46). Ele adquiriu a capacidade de Se dirigir a todos que se sentissem abandonados por Deus, e tornar-Se o Seu representante.

Jesus penetrou no coração da prisão do pecado. Mesmo na cruz, o lugar da punição final e aparente derrota, Cristo ganhou a Sua vitória final. «Ele tomou em Seu poder o mundo sobre o qual Satanás reclamava presidir, e restaurou a raça humana ao favor de Deus» (Ellen White em *Youth's Instructor*, 16 de Abril de 1903.), trans-

formando assim o símbolo de vergonha e de escândalo no ponto de encontro entre Deus e o homem.

Não merecemos o Seu resgate. Não conseguimos descobrir o nosso caminho de volta ao lar. Mas Ele de certeza nos descobrirá. Nós podemos apenas aceitar, estender a nossa mão, e apegarmo-nos firmemente a Ele. Através de toda a eternidade o hino da raça perdida ressoará em Seu louvor: «Eu outrora estava perdido, mas agora estou achado.» □

Perguntas para Discussão:

1. Porque é difícil a uma pessoa

não convertida reconhecer o senso de perdição?

2. Que meios utiliza Jesus para despertar nos corações humanos o desejo de restaurar um reacionamento com nosso Pai Celeste?

3. Como podem os cristãos proteger a sua identidade neste mundo de pluralismo e pecado? Que diferenças devíamos nós revelar?

4. Tenho eu de me evidenciar a fim de qualificar-me para ser achado? É difícil crer que a Salvação é um dom do Pai, que anda à nossa procura?

Heinz Hopf é presidente da Conferência de Baden — Wuerttemberg, República Federal da Alemanha.

Quarta-feira, 30 de Novembro

JUSTIFICADOS E SANTIFICADOS: O OBJECTIVO DE DEUS PARA NÓS

O equilíbrio entre o que Deus tem feito por nós e aquilo que Ele está fazendo em nós

POR CLIFFORD GOLDSTEIN

Qual é o equilíbrio adequado entre o que Deus tem feito por nós, justificação, e aquilo que Ele está fazendo em nós, santificação — e porque devemos compreender a ambos?

A questão de justificação e santificação levanta a velha questão de fé e obras. Abel ofereceu a Deus dos «primogénitos das suas ovelhas» (Gén. 4:4), uma oferta feita com fé, que Deus aceitou; Caim ofereceu «dos frutos da terra» (versículo 3), uma oferta de obras, que Deus rejeitou. Mais tarde, no entanto, Deus declarou: «Desejei misericórdia e não sacrifício; e o conhecimento de Deus mais do que ofertas queimadas» (Oseas 6:6).

O apóstolo Paulo disse: «Porque, se Abraão foi justificado pelas obras, tem de que se gloriar, mas não diante de Deus» (Rom. 4:2); contudo, o apóstolo Tiago

perguntou: «Não foi o nosso pai Abraão justificado pelas obras, quando ofereceu Isaque, seu filho sobre o altar?» (Tiago 2:21).

Fé e obras

Disputas sobre fé e obras dividiram a cristandade no século XVI, e tal questão desafia o Adventismo hoje. Até Ellen White escreveu certa vez que: «os méritos do homem caído nas suas boas obras nunca podem alcançar a vida eterna para ele.» *Fé e Obras*, p. 20); todavia noutra ocasião ela escreveu: «Há muitos no mundo cristão que afirmam que tudo o que é necessário para a salvação é ter fé; as obras nada são, a fé é a única coisa essencial. Mas a palavra de Deus diz-nos que a fé sem obras é morta, em si mesma.» (*Ibidem*, p. 47).

Estas posições não se contradizem uma à outra. Pelo contrário,

a questão reside em como as equilibramos.

Na verdade, alguns apoiam-se tanto na justificação que somente ela é a redenção; outros apoiam-se tanto na santificação que somente ela é a redenção. Em vez disso, tanto a justificação como a santificação constituem a redenção. A redenção não é mais justificação somente do que o baptismo é somente imersão; a redenção não é mais justa santificação do que o baptismo é a justa saída da água. Assim como a imersão e o erguimento compõem as duas partes do baptismo, assim também a justificação e a santificação compõem as duas partes da redenção. Uma sem a outra fica incompleta; juntas, por outro lado, constituem um todo perfeito.

Cristo dá tanto a justificação como a santificação. «Porque sem Mim», disse Jesus, «nada podeis fazer» (João 15:5). De nós mesmos, não podemos ter mais fé «o dom de Deus» (Efés. 2:8), do que obras, as quais vêm também de Deus (Ver Fil. 2:12, 13).

Deus criou Adão à «imagem de Deus.» Depois de Adão ter pecado, os seus filhos em vez de também serem criados à imagem de Deus, foram criados à imagem de Adão, agora um pecador caído. «E Adão viveu cento e trinta anos, e gerou um filho à sua própria semelhança, segundo a sua imagem» (Gén. 5:3). Toda a humanidade, criada à imagem de Adão, encontra-se sob a maldição do pecado. «Mas a Escritura encerrou a todos sob o pecado» (Gál. 3:22). Toda a nossa justiça e boas obras, mesmo aquelas que fazemos impelidos pelo Espírito Santo, não nos podem tornar mais aceitáveis para com Deus do que todo o esfregar, perfumes e manicures podem tornar um corpo num animal limpo, ou seja, apropriado para comer, de acordo com as leis dietéticas de Levítico.

As únicas boas obras e justiça que nos salvam são as obras feitas e justiça de Jesus, as quais Ele realizou em nosso favor, independente de nós mesmos, as quais, contudo, Ele nos oferece no lugar dos nossos próprios andrajos. «Vestir-te-ei,» diz Jesus, «com

vestidos novos» (Zac. 3:4).

Jesus, pela Sua vida e morte feitas, está apto a fornecer-nos uma experiência em justiça. Após ter terminado a Sua obra na Terra como Cordeiro sacrificial, Ele entrou no Céu como Sumo sacerdote, para ministrar os méritos da Sua morte, em nosso favor. «Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas enfermidades; porém um que foi em tudo tentado como nós, todavia sem pecado.» (Heb. 4:15). E porque Jesus não tomou a «natureza dos anjos» (Heb. 2:15) na Sua encarnação, mas em vez disso veio na «semelhança da carne pecaminosa» (Rom. 8:3), a carne com a qual estamos revestidos, Ele provou que nós também, mediante o poder de Deus, podemos resistir ao pecado. «Nem sequer por um pensamento cedeu Ele à tentação» escreveu Ellen White (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 123). «O mesmo se pode dar conosco.»

A justiça é um dom

A justificação e a santificação, embora inseparáveis, não são idênticas. A justificação envolve a declaração legal de perdão. É uma dádiva, um dom, dum carácter perfeitamente justo, imaculado e santo — um carácter que nós pecadores, pela nossa natureza, nunca poderíamos possuir. Podemos reflectir esse carácter «perfeitamente», mas nunca o podemos igualar.

Deus, não obstante, aceita apenas justiça perfeita, nem sequer um perfeito reflexo dela, e porque nenhum de nós tem essa justiça perfeita, Jesus veio à Terra, operou-a em nosso favor, e ofereceu-a gratuitamente.

Imaginal uma escola onde poderíeis apenas obter aprovação ou reprovação. A única maneira de passar seria obter uma nota de 100%. 99% dar-vos-ia o mesmo resultado que 9%. Alguns poderiam ter 80% ou mesmo 90%, mas legalmente estariam na mesma classe daqueles que tivessem somente 5%.

Com excepção de Jesus, que tem uma nota perfeita, toda a hu-

manidade tem uma nota de reprovação. O ladrão na cruz que poderia ter somente 30%, ou um santo sobre a terra, após se encerrar o tempo de tribulação, que tivesse 94% — ambos irão para o Céu exactamente pela mesma coisa: a justiça perfeita, a nota de 100% de Jesus Cristo a eles dada. Qualquer outra coisa é insuficiente, tão inútil como tentar aprender a falar francês estudando Física.

Começando uma nova vida

Mas as boas novas da salvação, da redenção, não terminam com esta declaração legal de perdão, assim como o baptismo não termina com a imersão. Devemos sair da água em «novidade de vida» (Rom. 6:4), depois de termos sido primeiramente imersos. A redenção começa, não acaba, com o perdão; assim como o baptismo começa, não termina, com a imersão.

Sem santificação, sem Cristo a operar nas nossas vidas para desarraigar o mal herdado e cultivado, não podemos presumir justificação. A salvação não é como a lei dos Medos e dos Persas: a salvação *pode* ser revogada, a fé pode perder-se.

Em Mateus 7 Jesus contrasta dois indivíduos. Um ouve as Suas palavras e «pratica-as» (versículo 24); o outro ouve as Suas palavras mas «não as pratica» (versículo 26). O obediente, que faz o que Jesus ordena, que tem obras — permanece fiel até ao fim. A sua fé é aperfeiçoada pelas obras. O desobediente, que não faz o que Jesus ordena, que não tem obras — cai. A sua fé, sem obras, é morta.

E as boas novas acerca das boas obras é que elas, como a justificação, também vêm de Deus. Procuramos a santificação como procuramos a justificação — mediante rendição incondicional a Deus. A santificação, também, pode obter-se somente ao nos rendermos a nós mesmos a Deus, ao escolhermos morrer para o eu e ao servirmos diariamente a Deus. «Santificação genuína... é nada menos do que um morrer diário para o eu e uma conformidade diária com a vontade de Deus» (*Life Sketches*, p. 237).

Então Deus pode operar em nós «tanto o querer como o efectuar segundo a Sua boa vontade» (Fil. 2:13).

O desenvolvimento do carácter, obediência, e boas obras são apenas o resultado de escolhermos permitir que Deus opere em nós, para expurgar a escória e moldar-nos segundo a semelhança divina. E a única maneira de Ele poder realizar estas mudanças é a de nos submetemos, tal como o fizemos quando nascemos de novo. «Como, pois, recebestes o Senhor Jesus Cristo, assim também andai n'Ele» (Col. 2:6).

Em Efésios 2 o apóstolo Paulo apresenta um poderoso exemplo da relação entre fé e obras: «Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie» (versículos 8 e 9). O apóstolo claramente declara que a salvação se obtém pela fé e não pelas obras.

No versículo 10 ele escreve que «somos feitura Sua, criados em Cristo Jesus *para as boas obras*, as quais Deus preparou para que andássemos nelas.» O apóstolo Paulo salienta a salvação pela fé, não pelas obras, todavia no fôlego seguinte diz que fomos criados para as boas obras, obras que Deus «antes ordenou» para que as fizéssemos.

Nenhuma Contradição

Não existe aqui contradição alguma. Embora criados para as boas obras, não recebemos a salvação por elas. As únicas obras que nos salvam são as obras de Jesus em nosso favor. Todavia, fomos criados em Jesus para fazer boas obras, porque as obras são uma intricada parte do processo da redenção.

A nossa salvação não terminou no Calvário, porque a redenção não termina com o perdão. O evangelho não é apenas perdão, que é o seu fundamento, mas é também restauração, que é o seu pináculo. A justificação é o primeiro passo na direcção do alvo final de Deus para conosco: a reflexão de Cristo em nós! «Meus filhinhos, por quem de novo sinto

as dores de parto, até que Cristo seja formado em vós» (Gál. 4:19).

As implicações no grande conflito entre Cristo e Satanás vão para além desta terra, para além da salvação do homem. Embora o pecado esteja confinado à terra, é uma questão universal, cósmica. No Calvário, mais do que uma multidão testemunharam a cruz. O universo todo observou a cena.

E embora a penalidade completa pelo pecado fosse paga na cruz, embora Deus derramasse o Seu amor de tal modo que todo o universo se maravilhou, nem todas as questões acerca do pecado, da rebelião e da lei de Deus foram respondidas, mesmo nessa ocasião e lugar. Deus iria dar mais ao universo observador — e Ele tem estado a utilizar a humanidade para dar esse mais!

«Para que agora, pela *igreja*, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus» (Efés. 3:10). E como é que esta sabedoria se faz conhecer dos principados e potestades nos lugares celestiais? Jesus disse: «Nisto é glorificado Meu Pai, que deis muito fruto» (João 15:8). Deus é glorificado pelo carácter que Ele desenvolve em nós.

A primeira mensagem angélica é: «Temei a Deus e dai-Lhe glória» (Apoc. 14:7). E nós damos glória a Deus ao permitir-Lhe que nos santifique de modo a podermos produzir muito fruto. «A própria imagem de Deus deve ser reproduzida na humanidade», escreveu Ellen G. White. «A honra de Deus, a honra de Cristo, está envolvida na perfeição do carácter do Seu povo» (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 671), e esta é a razão pela qual o fiel remanescente de Deus é constituído por aqueles que «guardam os mandamentos de Deus» (Apoc. 12:17; 14:12). Não é esta obediência à lei de Deus que salva o remanescente — mas é o serviço que o remanescente presta como resultado de já estar salvo!

Um falso equilíbrio entre fé e obras, quer num sentido quer noutro, deixar-nos-á em falta.

Encontrando o equilíbrio

Uma ênfase sobre justificação à custa da santificação pode enganar uma pessoa para com o falso evangelho de que a obediência, o desenvolvimento do carácter e a vitória pessoal sobre o pecado são meros apêndices ao evangelho. O apóstolo João torna isto bem claro ao afirmar: «Filhinhos, ninguém vos engane. Quem pratica justiça é justo, assim como ele é justo. Quem comete o pecado é do diabo» (I João 3:7, 8).

Uma demasiada ênfase sobre santificação à custa da justificação pode enganar uma pessoa levando-a a crer que a sua aceitação para com Deus depende da sua realização e que as suas boas obras lhe garantem um lugar no Céu. Ellen White salientou: «Não há um ponto que mais necessite que nele ponderemos com maior fervor, que o repitamos mais frequentemente ou o estabeleçamos mais firmemente nas mentes de todos do que a impossibilidade do homem caído merecer alguma coisa pelas suas melhores boas obras» (*Fé e Obras*, p. 19).

Como Adventistas, temos o privilégio de possuir uma luz muito mais fulgurante do evangelho do que gerações passadas. Contudo devemos apresentá-la de modo equilibrado, com ênfase apropriada em ambos os aspectos da redenção. Na verdade, embora um falso equilíbrio seja abominável a Deus, «um peso justo é o Seu prazer» (Prov. 11:1). □

Perguntas para discussão

1. Porque não podem as boas obras, mesmo dum cristão consagrado, ganhar-lhe a salvação?
2. Se as boas obras não podem salvar-nos, qual é, então, o seu lugar na vida do cristão?
3. Explique como as implicações no grande conflito entre Cristo e Satanás vão para além desta terra.
4. Que papel desempenha Cristo na nossa santificação?

Clifford Goldstein é o editor da revista para judeus Shabbat Shalom, publicada pela Divisão Norte Americana.

A CHUVA TEMPORÃ E A SERÔDIA

Agora é o dia da decisão

POR RALPH LARSON

Três grandes verdades bíblicas ligam a experiência da igreja do Novo Testamento com a da igreja dos últimos dias — a expiação, o selamento e a chuva temporã e a serôdia.

A expiação

Cristo fez expiação quando morreu no Calvário como sacrifício pelos nossos pecados e por ele nos reconciliou com Deus (II Cor. 5:18; Rom. 5:18). Esta fase sacrificial da expiação foi perfeita, cheia e completa (Heb. 9:26). Todavia permaneceu um ministério *sacerdotal* posterior dessa mesma expiação no santuário celestial.

Quando Cristo intercede perante Deus com os méritos da Sua morte em favor do pecador, penitente, Ele opera a expiação por meio de mediação, porque a Sua intercessão reconcilia o indivíduo crente com Deus. Em 1844, Cristo entrou no lugar santíssimo do santuário celestial para levar avante o Seu ministério final — expiação por julgamento (o antítipo do dia da expiação, Lev. 16).

Este ministério terá por objectivo descartar o problema do pecado e reconciliar todas as coisas no Céu e na Terra com Deus (Efés. 1:10). O aspecto final da expiação de Cristo continuará até que o Seu ministério sacerdotal seja completado e saia o decreto que lemos em Apocalipse 22:11, 12.

Este conceito de expiação sacerdotal é escriturístico. Nos primeiros 15 capítulos de Levítico encontramos mais de 15 descrições de sacrifícios (ofertas pelo pecado), todos eles tipos ou símbolos do sacrifício expiatório de Cristo na cruz. Em cada uma destas descrições vemos que o sacerdote «fará

expiação» por ele, ou por ela, ou por eles, conforme o caso. Esta expiação era feita em qualquer dia e em cada dia durante todo o ano.

Quando passamos para o capítulo 16, lemos acerca de um dia de expiação que calhava somente num dia de cada ano. Esta descrição declara que era feita uma expiação cinco vezes pelo santuário e pelo povo — apesar do facto de já ter sido feita uma expiação antes, durante o ano, ao trazer o povo os seus sacrifícios ao santuário.

Era esta expiação descrita em Levítico 16 uma negação do valor dos sacrifícios expiatórios e mediação anteriores? De modo nenhum! O próprio Deus estabeleceu o processo e o próprio Deus aplicava a palavra *expiação* aos seus vários aspectos.

Semelhantemente, a nossa designação da segunda fase do ministério sacerdotal do nosso Senhor no santuário celestial como a *expiação final*, não deprecia de modo nenhum o valor do sacrifício expiatório de Cristo na cruz.

O apóstolo Paulo escreveu em I Coríntios 15: «E, se Cristo não *ressuscitou*, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé» (versículo 14). «E, se Cristo não *ressuscitou*, é vã a vossa fé, e *ainda permaneceis nos vossos pecados*» (versículo 17).

Por conseguinte, todas as fases da expiação são necessárias. Embora alguns, nos nossos dias, neguem o valor expiatório do sacrifício de Cristo, e outros neguem o valor expiatório do Seu ministério sacerdotal, nós Adventistas do Sétimo Dia, seguindo estritamente as Escrituras, aceitamos a ambos.

E ao fazê-lo vemos um elo de ligação entre a experiência da igreja do Novo Testamento e a da igreja

dos últimos dias, da qual fazemos parte.

O Selamento

Enquanto os nossos pioneiros Adventistas estudavam o Sábado, eles descobriram que o mandamento do Sábado é o selo de Deus na Sua santa lei, uma vez que é a única parte da lei que O identifica como Criador do Céu e da Terra.

Eles raciocinaram, então, que o seguidor sincero e verdadeiro de Jesus, que guarda o Sábado, *tem o selo de Deus*. Por conseguinte, receberam o Sábado nos seus corações com grande afecto e guardaram-no com prazer, vendo-se a si mesmos a repetir a experiência do Novo Testamento. Eles amavam o Sábado, e falavam repetidas vezes do seu precioso valor como um *signal* entre eles e o Senhor que os santificava (Ezeq. 20:12, 20).

Os nossos pioneiros viram o tempo da expiação final (desde 1844 até ao encerramento da provação) como o *tempo do selamento*. E eles viram a mensagem que pregavam, chamando e apelando as pessoas a prestarem obediência a todos os mandamentos de Deus, como a *mensagem do selamento*.

A chuva temporã e a serôdia

A terceira verdade ligando a igreja do Novo Testamento com a dos últimos dias é a da chuva temporã e a serôdia.

«O derramamento do Espírito nos dias dos apóstolos foi o começo da chuva temporã, e glorioso foi o resultado» (*Actos dos Apóstolos*, págs. 54-55).

Este glorioso resultado foi visto numa maravilhosa colheita de pessoas. Do registo em Actos, podemos visualizar facilmente tantos quantos 20.000, ou mesmo mais, aceitando a mensagem do Salvador ressurrecto e consagrando-Lhe as suas vidas dentro dum curto espaço de tempo sob a influência da chuva temporã do Espírito Santo.

Que dizer, então, da chuva serôdia? O resultado não será menos glorioso!

Diz Ellen White: «A grande obra do evangelho não deve encerrar-se com menos manifestação do

poder de Deus do que aquele que marcou o seu começo. As profecias que foram cumpridas no derramamento da chuva temporã no começo do evangelho devem ser de novo cumpridas na chuva serôdia no seu encerramento...

«Agora os raios de luz penetram em toda a parte, a verdade é vista em toda a sua clareza, e os filhos honestos de Deus cortam com os laços que os têm retido. Relações familiares e de igreja são agora impotentes para os deter. A verdade é mais preciosa do que tudo o mais. Não obstante as agências combinadas contra a verdade, um largo número deles tomam a sua posição ao lado do Senhor» (*O Grande Conflito*, págs. 611, 612).

Portanto vemos um íntimo paralelo entre o tempo da expiação final, o selamento e a chuva temporã. A experiência da igreja e dos seus membros durante este período de crise da história da Terra é apresentado perante nós com uma abundância de ênfase e clareza.

Primeiro, é um tempo de responsabilidade.

Devemos lembrar que um aumento de luz espiritual e oportunidades traz consigo um aumento de responsabilidade correspondente. Este princípio tem sido sempre uma parte do plano da salvação.

«As nossas responsabilidades são exactamente proporcionais à nossa luz, oportunidades e privilégios» (*Testimonies*, vol. 4, p. 416).

Ellen White escreveu: «Nós não estamos a viver no tempo em que viveram os nossos pais. Deus deu-lhes tesouros de sabedoria, os quais, através da manifestação do Seu Espírito e através do testemunho e exemplo dos Seus filhos de geração em geração, chegaram, de século em século até aos nossos dias. Nós temos toda a luz que eles tiveram e luz adicional está continuamente a brilhar e brilhará mais e mais até ser dia perfeito. Esta geração é responsável, não somente por toda a luz que Deus concedeu às gerações passadas mediante o Seu Espírito e Palavra, mas pela luz mais abundante que agora brilha. Não podemos ser aceitos e honrados por Deus ao rendermos

o mesmo serviço e fazermos as mesmas obras que os nossos pais fizeram. A fim de sermos abençoados por Deus como eles o foram, devemos ser fiéis em melhorar o aumento da luz, como eles foram fiéis em melhorar a luz que Deus lhes deu» (*Review and Herald*, 5 Jan. 1886).

Segundo, é um tempo de urgência

Não pode haver erro algum quanto à urgência com que a serva do Senhor nos apela para não demorarmos em realizar aquela obra espiritual que pode agora ser feita e que não pode ser feita depois deste tempo especial ter passado.

«Agora, enquanto o nosso grande Sumo Sacerdote está a fazer expiação por nós, devemos procurar tornar-nos perfeitos em Cristo» (*O Grande Conflito*, p. 500).

«O tempo do selamento é muito curto, e em breve terá passado. Agora é o tempo, enquanto os quatro anjos estão segurando os quatro ventos, de assegurarmos o nosso chamado e eleição» (*Primeiros Escritos*, p. 58; itálicos nossos).

«Se não progredirmos, se não nos colocarmos numa atitude em que possamos receber tanto a chuva temporã como a serôdia, perderemos as nossas almas» (*Testemunhos para Ministros*, p. 508).

Terceiro, deve ser um tempo de vitória

O tema dos escritores do Novo Testamento, especialmente do apóstolo Paulo, foi *vitória pelo poder de Cristo* — vitória sobre circunstâncias, vitória sobre oposição, vitória sobre o eu, as tentações e mesmo a própria morte (I Cor. 15:51-58). Uma vez que o apóstolo Paulo selou o seu testemunho com o seu sangue, não houve provavelmente nenhum outro escritor cristão que tivesse um tão elevado senso de vitória, um tal «complexo de vitória», como ele teve até à chegada de Ellen White. Esta humilde e eleita mensageira da igreja remanescente escreveu incessantemente sobre *vitória pelo poder de Cristo!*

Uma examinação recente das

cerca de 10.000 páginas de material que constituem os seus livros principais, revelou mais de 1.000 declarações sobre vitória, uma média de uma por cada 10 páginas de material escrito.

Um padrão semelhante encontra-se nos seus artigos que escreveu para as várias revistas e periódicos. Ela fez soar a nota de vitória com poder tremendo. *Agora*, no tempo da expiação final, *agora*, no tempo do selamento, *agora* no tempo da chuva serôdia, a vitória está completamente ao alcance de todo aquele que sinceramente a deseja e a busca fervorosamente do Senhor.

«Pelo poder do Espírito Santo a imagem moral de Deus deve ser aperfeiçoada no carácter. Devemos ser total e completamente transformados na semelhança de Cristo» (*Ibidem*, p. 506).

Duas frases que ocorrem frequentemente nas declarações de Ellen White sobre vitória são as expressões: «ampla provisão» e «mais do que vencedores».

«*Amplas provisões* foram feitas para que cada filho e filha de Adão possa obter individualmente um conhecimento da vontade divina, para aperfeiçoar o carácter cristão e ser purificado pela verdade» (*Testimonies*, vol. 2, p. 644).

«Deus deu o Seu Espírito Santo como poder suficiente para subjugar todas as tendências hereditárias e cultivadas para praticar o mal. Mediante a rendição da mente ao controlo do Espírito, cresceis na semelhança do carácter perfeito de Deus e tornar-vos-eis uma instrumentalidade através da qual Ele pode revelar a Sua misericórdia, a Sua bondade e o Seu amor. Sejam quais forem os vossos defeitos, o Espírito Santo revelá-los-á, e graça vos será dada para os vencer. Mediante os méritos do sangue de Cristo podeis ser um vencedor, sim, «*mais do que um vencedor*» (*Youth's Instructor*, 2 Out. 1902).

Em parte alguma apresentou Ellen White mais fortes certezas de vitória do que nas suas mensagens para a juventude da igreja. Nos artigos que ela escreveu para a revista da juventude, *Youth's Instructor* (Instrutor da Juventude),

durante a sua longa vida, encontramos mais de 500 declarações sobre vitória. Na sua última mensagem para a juventude encontramos estas palavras:

«Sinto um ardente desejo de que cada um de nós seja vitorioso na luta contra o mal. ... Se pedirdes a Deus que vos ajude a vencer os traços não cristãos do vosso caráter, Ele vos preparará para a entrada no Céu, onde nenhum pecado pode entrar. ... Se vos derdes total e completamente a Ele, sereis vencedores na luta contra o pecado. ... Ao lutardes para vencer tudo aquilo que desagrada a Deus, anjos do Céu vos ajudarão. ... Poder de cima vos será dado. ... Descobrirei que Ele vos dará diariamente força para vencer. ... Podeis vencer o mal — maus pensamentos, maus desejos — pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do vosso testemunho» (*Ibidem*, 9 Junho 1914).

Estamos a viver no *tempo* da expiação final, do selamento do povo de Deus e da chuva serôdia. É um tempo de grande luz espiritual e de grande responsabilidade espiritual. É um tempo que foi, pela misericórdia de Deus, prolongado. Mas os prolongamentos devem ser limitados. Eles não podem conti-

nuar indefinidamente. O ponto terminal deve em breve ser alcançado. Estaremos preparados? A decisão é nossa. Ampla provisão tem sido feita. Aproveitar-nos-emos dela? □

Perguntas para discussão

1. Porque pensa que Cristo destinou uma segunda fase no céu para a Sua obra de expiação?
2. O ministério celestial de Cristo causa-lhe temor ou felicidade hoje? Porquê?
3. Como é que a chuva serôdia preparará a igreja para a vinda de Jesus?
4. Há alguma ligação entre o santuário e o Espírito Santo?
5. Está o Espírito Santo somente envolvido na justificação ou também na santificação?
6. Porque é que Ellen White diz que a mensagem de justiça pela fé de 1888 foi o começo da chuva serôdia e do alto clamor? (Ver *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, p. 363 e *Primeiros Escritos*, p. 271).

Ralph Larson, agora reformado, serviu no Departamento de Religião do Seminário Teológico Adventista do Sétimo Dia, Extrenato Oriente.

5:3), Jesus mostrou ao povo judeu que era uma coisa abençoada e feliz ter um senso da sua necessidade. Somente então buscaríamos eles, ou nós, um remédio e experimentaríamos o cumprimento das maravilhosas promessas de Deus.

Deus expôs também um problema similar aos Efésios. Em Apocalipse 2:4, Ele disse claramente, não obstante com tristeza, «deixaste o teu primeiro amor.» Depois apelou: «Lembra-te» (versículo 5). Ele desejava ardentemente que eles vissem o seu problema e sentissem a sua necessidade.

Notai quão de perto os problemas de Éfeso e Laodiceia se comparam um com o outro. Cada grupo de crentes tinha deixado a sua primeira experiência de amor com Jesus e se tinham tornado mornos.

Em 1902 Ellen White equacionou a perda da experiência do primeiro amor dos Efésios com a experiência dos Adventistas «na sua condição presente» (*Review and Herald*, 25 Fev. 1902). E seria igualmente justo aplicar a condenação de Deus da mornidão daqueles cristãos Laodiceanos do primeiro século a nós hoje. A mornidão tem as suas características distintivas: «Tu és morno, e não és frio nem quente... Tu dizes, eu sou rico, e tenho os meus bens aumentados, e não tenho necessidade de nada; ... tu és desgraçado e miserável, e pobre, e cego e nu» (Apoc. 3:16, 17). Ellen White acrescentou algo mais a este respeito: «A igreja (de Éfeso) perdeu o seu primeiro amor. Ela tornou-se egoísta e amante das facilidades. O espírito do mundo era acariciado. O inimigo lançou o seu encanto sobre aqueles a quem Deus dera luz para um mundo em trevas.» (*Testimonies*, vol. 8, p. 26).

A tragédia do que aconteceu com a igreja de Éfeso, é que a mudança se operara «a pouco e pouco» (*ibid*), quase imperceptivelmente. Tem a mornidão se introduzido, do mesmo modo, no seio do povo de Deus dos últimos dias desde 1844? Estamos nós também inconscientes acerca disto? O apóstolo João diz que aqueles que são desgraçados, pobres, cegos e

Sexta-feira, 2 de Dezembro

DE LAODICEIA PARA O TRIUNFO

Cristo está batendo à porta dos nossos corações

POR CARL COFFMAN

Laodiceia indubitavelmente não é uma palavra favorita no vocabulário Adventista. Nem a palavra *morno*. Quando aplicamos *Laodiceia* ao período final da história da Terra, o termo enquadra-se perfeitamente, pois *Laodiceia* significa «um povo julgado». É, na verdade, uma palavra apropriada!

Em Apocalipse 3:14-21, o apóstolo João delinea um sério proble-

ma — mornidão (versículo 16) da igreja durante o período de *Laodiceia*. Mas ele também dá esperança aos crentes ao apresentar uma lista de 3 coisas como solução.

Um remédio (versículo 18), um maravilhoso convite (versículo 20) e uma gloriosa promessa (versículo 21). Deus não expõe o problema apenas para condenar; Ele deseja que vejamos a nossa necessidade.

Na primeira bem-aventurança no Sermão da Montanha (Mat.

nus não conhecem a sua verdadeira condição (Apoc. 3:17).

Já dissemos o suficiente acerca do problema, não é verdade? Não gostamos disto. Isto contém tudo o que é oposto a uma descrição de genuína fé e justiça. Alguns de nós talvez tenhamos sido confrontados com a «mensagem da Laodiceia» tantas vezes, que tenhamos chegado mesmo a considerar a Deus como um «homem duro», como fez o homem com um talento quando se desculpou para com o seu Senhor (Mat. 25:24).

Como temos reagido à declaração de Cristo em Apocalipse 3:16: «Eu vomitar-te-ei da minha boca»? Temos realçado tantas vezes aquelas insípidas águas mornas da histórica cidade, que quase as vomitámos nós próprios!

Que está Cristo a dizer aqui? Ellen White comenta: «A figura de vomitar da Sua boca significa que Ele não pode oferecer as vossas orações (se indiferentes ou mornas) ou as vossas expressões de amor a Deus. ... Ele não pode apresentar os vossos exercícios religiosos com o pedido de que vos seja concedida graça» (*ibid*; vol. 6, p. 408).

Cristo ama interceder por nós (I João 2:1); mas se estivermos a viver em mornidão e não virmos a nossa necessidade de fé n'Ele e na Sua justiça, Ele *não pode* interceder porque nós *não pedimos* a Sua intercessão. Ele chorou sobre Jerusalém — o povo a quem Ele amorosamente amou, mas que O rejeitou (Lucas 19:41). Se não buscarmos a Sua intercessão, o Seu amor levá-l'O-á a chorar por nós também! Ele está amorosamente batendo à porta dos nossos corações. Se não abirmos as portas e o deixarmos entrar para nos ajudar, não podemos lançar sobre Ele culpa alguma.

Remédio Explicado

É importante para nós compreender o que Jesus diz em Apocalipse 3:18. Revejamos este versículo tão repetidas vezes citado, mas de modo inverso em relação com as suas três partes: o colírio, vestidos brancos e ouro provado no fogo.

Primeiro, Jesus apresenta um colírio que desenvolve a visão espiritual dos que estão espiritualmente cegos. Tanto Jeremias como Jesus falaram daqueles que tinham olhos mas não podiam ver (Jer. 5:21; Mar. 8:18). Nosso Senhor promete-nos visão perfeita se nós Lhe permitirmos que nos aplique este tão necessitado colírio. Ele deseja que vejamos a *Sua* vontade, o *Seu* caminho, a *Sua* graça, o *Seu* perdão, a *Sua* aceitação, a *Sua* vitória, e vejamos exactamente como atingir os *Seus* objectivos mediante fé n'Ele. Ele até deseja que vejamos como adquirir aquela necessária fé tão vital e cada passo da salvação e da fé espiritual.

O Espírito Santo é a grande fonte do colírio celestial, ou remédio, para cada caso da cegueira Laodiceana. Tal cegueira pode ser de muitos tipos. Pode traduzir-se por aquilo que as pessoas religiosas sentem, que são salvas por irem à igreja. Podemos chamar a este tipo de cegueira salvação por ser membro da igreja.

Outro tipo de cegueira espiritual afecta aquelas que crêem num sistema humano de salvação, à parte daquele que está referido em Actos 4:12 e Efésios 2:8, 9. Tais pessoas têm pecados não confessados que não estão dispostas a confessar. Todavia desejam aparentemente estar no céu.

Outra variedade de cegueira espiritual encontra-se naqueles que esperam obter a salvação mediante superior capacidade mental. E ainda outro tipo é visto naqueles que parecem apoiar-se no facto de serem estritamente vegetarianos. O vegetarianismo tem grande importância para o máximo desenvolvimento do homem todo, mas *não* é um método de salvação.

Não podemos consentir ser enganados nestas coisas; mas o diabo ficará contente se o formos. Ele sabe que quando Cristo voltar de novo, aqueles que tiverem sido enganados serão como as cinco virgens sem óleo — sem o Espírito Santo e sem uma experiência pessoal com Cristo. A esses, o Senhor terá de dizer tristemente: «Não vos conheço» (Mat. 25:12).

Cegueira Removida

O ministério do Espírito Santo inclui a remoção de tais formas de cegueira dos olhos de cristãos a isso dispostos. Ele realiza essa obra mediante convencer-nos do pecado (João 16:18, 9); revelando-nos a justiça de Deus em toda a sua pureza, beleza e disponibilidade (versículos 8, 10); advertindo-nos dum juízo certo vindouro (versículo 8, 11); falando de vindicação para todos os que aceitarem vestir a oferecida veste de justiça de Cristo; e falando da exclusão do reino eterno de todos aqueles que recusarem tal veste (Ver Mat. 22:11-13).

Quão grandemente necessitamos do óleo do Espírito Santo para os nossos olhos de modo a podermos ver claramente a nossa grande necessidade. Podemos então descobrir, receber e utilizar o *dom* da fé necessária para aceitar a Cristo, e encontrar o remédio para a nossa pecaminosa satisfação pessoal, num dedicado e total relacionamento com Ele.

Em 1897 Ellen White escreveu: «Os Laodiceanos gabavam-se de um profundo conhecimento da verdade bíblica, uma profunda compreensão das Escrituras. Eles não eram inteiramente cegos, caso contrário o colírio não lhes teria restaurado a vista, nem os teria habilitado a discernir os verdadeiros atributos de Cristo.» «O olho é a consciência sensitiva, a luz interior, da mente. ... O 'colírio', a Palavra de Deus, torna a consciência apurada sob a sua aplicação, pois convence do pecado. Mas o apuramento é necessário para que se possa seguir a cura» (*Review and Herald*, 23 Nov. 1897).

A «cura» aqui começa com o vestir a bela veste branca de Deus, a segunda parte de Apocalipse 3:18. Chamamos a isto justificação pela fé. Seria mais correcto dizer justificação pelo dom de Cristo da fé, que utilizamos, com a ajuda do Espírito Santo, para irmos até Ele. Vestidos com a veste da Sua justiça e a nossa nudez coberta, podemos descansar na promessa de completa aceitação e ter a alegria de saber que agora somos par-

te da família de Deus.

Apresentei esta maravilhosa verdade a uma igreja espanhola há alguns anos. Em cima de uma mesa, eu havia colocado dois livros — um livro branco, de registro de casamento, para representar o livro da vida, e um livro grande, preto, para representar os livros do pecado. Para ilustrar o momento em que recebemos justificação pela fé, eu cobri o livro preto com uma bela toalha de linho de minha mulher, deixando à vista apenas o livro da vida e a pura cobertura de linho branco cobrindo todos os pecados confessados. O meu intérprete acrescentou então um ponto que eu não havia mencionado. Ele desceu até à mesa, levantou uma ponta da toalha de linho e espreitou para baixo dela. Depois disse: «E Deus não espreita tão pouco por baixo da veste branca para ver quão más foram as nossas vidas passadas.» Abençoando o intérprete!

Desde então, tenho sempre incluído esta declaração na minha apresentação deste tema: «Se vos entregardes a Ele e O aceitardes como vosso Salvador, por mais pecaminosa que tenha sido a vossa vida, por Sua causa sereis considerados como justos. O carácter de Cristo é substituído ao vosso carácter, e sereis aceites diante de Deus exactamente como se nunca houvésseis pecado.» (*Aos Pés de Cristo*, p. 65). Em vez de espreitar para o nosso terrível passado (e todos temos um passado), o nosso abençoado Deus lança tudo isso «nas profundezas do mar» (Miq. 7:19). Ele planeia deixá-los lá e nós devemos deixá-los lá também. Devíamos sentir vergonha por desenterrarmos o passado de alguém.

Falemos agora da terceira parte do remédio de Laodiceia: «Aconselho-te que de Mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças». Jesus diz para «comprar» o ouro. Lembrem-se que o Espírito Santo abriu os nossos olhos e que o Céu nos vestiu de uma veste branca — a bela e perfeita justiça de Cristo. Estas coisas são «dons», e os dons de Deus não podem ser comprados. A salvação

é grátis. Todos a podem obter, «Sem dinheiro e sem preço» (Isa. 55:1). Para obter o colírio e a veste branca basta-nos pedi-los.

Mas que significa comprar este ouro provado no fogo? Teremos nós escorregado um pouco para o erro de tentar comprar alguma parte da salvação pelas nossas obras? Que quer Ellen White dizer quando afirma que este ouro é a «fé que opera por amor» (*Parábolas de Jesus*, p. 58)? Este comentário aparece em conjunção com a história do fariseu e do publicano. Seria mais fácil compreender a sua afirmação deste modo: «Fé que opera — *por amor*.» Isto sublinha *donde* vem a fé operante. Está de harmonia com a ilustração bíblica, pois as obras do fariseu *não* provinham de amor a Cristo. Saltando uma frase, o parágrafo então diz: «Podemos ser activos (como eram os fariseus), podemos fazer muito trabalho (como eles faziam), mas *sem amor*, um amor semelhante ao que habitava no coração de Cristo, nunca podemos ser contados com a família do Céu» (*ibid.*, *itálicos nossos*).

Deste modo, a terceira parte do remédio diz-nos que o cristão inflamado, que tem os seus olhos abertos e rejubila na cobertura da justiça de Jesus, será tão motivado pelo amor de Deus que terá uma fé activa, operante. Será tão dedicado a Deus, rogando cada dia pela restauração à Sua imagem, que até pedirá provas para purificar a sua fé se Deus achar isso necessário.

Enquanto estudava, o meu primeiro trabalho na tipografia do Colégio foi derreter chumbo para ser depois usado pelas máquinas de compor. Nós colocávamos sempre uma substância química para limpar o chumbo da escória. A utilidade futura do chumbo dependia deste processo. Naturalmente, o chumbo não podia pedir este produto para remover dele a escória. Alguém que sabia da necessidade desse produto é que o introduzia no processo de fundição do chumbo. Deus utiliza provações do mesmo modo. Justamente compreendidas e devidamente relacionadas, as provações tornam-se como fogo para provar e puri-

ficar o ouro, ou fé, em nós. Os nossos caracteres tornar-se-ão assim mais e mais semelhantes ao de Cristo.

Deus purifica a nossa fé no fogo das experiências da vida diária. A pessoa justificada descobre que o seu amor a Cristo a habilita a viver de modo semelhante ao de Cristo. Que jamais sejamos surpreendidos com o pensamento de que Cristo não espera isso de nós. O conselho de Gálatas 2:20 e Apocalipse 14:12 é bastante claro.

Não devemos nem tornar-nos presumidos, nem ficar satisfeitos com a nossa relação com Jesus ou com as nossas «obras» para o Senhor. A «relação» deve ser plena e satisfatória cada dia. Mas ela também amadurece, tal como uma boa relação matrimonial. E o nosso carácter que se forma dentro dessa relação com Cristo, também continuará a amadurecer. Não há qualquer paragem quer para o amadurecimento da nossa relação quer para o desenvolvimento do nosso carácter. Mas podemos ter diariamente a plena satisfação da total aceitação por parte do nosso bem-aventurado Senhor. Não deveríamos cantar a doxologia mais vezes do que costumamos fazer?

«Eis que estou à porta e bato»

Temos ouvido o bater de Cristo por um longo tempo, não é verdade? Ele está a bater neste preciso momento. Nós *deixámo-l'O* entrar, não é verdade? E quando permitimos que Ele entre, Apocalipse 3:20 diz que nós cearemos com Ele e Ele conosco.

O bater diário inclui a nossa necessidade diária de confirmação de que somos uma parte da família celestial. Temos essa certeza assegurada quando o deixamos entrar. Ao cear com Ele, a minha relação com Ele torna-se segura. Nós estamos juntos *cada* dia. Conversamos, prestamos culto juntos.

De Laodiceia para o Triunfo

A mensagem desta semana consiste em revelar que Deus deseja dar-nos um triunfo diário aqui nesta vida, e finalmente a vitória eterna. Ellen White diz: «O mate-

rial inútil será consumido; mas o ouro da fé verdadeira, simples, humilde, nunca perderá o seu valor. ... Ela é imperecível» (*The SDA Bible Commentary*, Ellen G. White Comments, vol. 6, p. 1088).

Imaginemos ser colocados dentro dum quarto simples só com uma porta. Estamos sentados lá dentro, a olhar para o manípulo da porta. Sabemos que a porta não pode ser forçada a abrir pelo lado de fora. Então ouvimos um bater, uma bater leve, amoroso. E ouvimos uma voz suave: «Posso entrar e cear contigo?» Embora 20 séculos tenham passado, reconhecemos que é a voz de Jesus. À luz dos nossos estudos desta semana, e de hoje, o que faremos? □

Perguntas para discussão

1. É possível que tenhamos sido vítimas dum ar de satisfação própria que pode afectar a nossa preparação para a segunda vinda de Cristo?

2. Como podemos ter a certeza tanto da aceitação de Deus como de um senso de um crescente desenvolvimento espiritual?

3. Sentir-nos-íamos confortáveis, à vontade, sentados sozinhos num quarto com o nosso Senhor? Se tal pensamento é enervante, que podemos fazer a esse respeito?

4. Tem a ideia de «perfeição», possivelmente mal compreendida, sido uma barreira ao nosso desenvolvimento espiritual? Se sim, porquê, e que podemos fazer para a mudar?

5. Pode ser que a «paz» de Isaías 26:3, e o «repouso» de Mateus 11:28 nos tenham parecido ilusivos porque não entrámos numa *total* dedicação a Cristo?

Carl Coffman, já reformado, serviu como presidente do Departamento de Religião da Universidade de Andrews até 1987 e vive presentemente em Angwin, Califórnia.

Espírito de verdade está connosco e podemos tornar-nos inteligentes a respeito deste grande plano de redenção.

É verdade que Deus deu o Seu Filho Unigénito para morrer por nós, para sofrer a penalidade da lei (quebrada) de Deus. Devemos considerar isto e demorar-nos nisto. E quando as nossas mentes estiverem constantemente a demorar-se no incomparável amor de Deus para com a raça caída, começamos a conhecer a Deus, a familiarizar-nos com Ele, a ter um conhecimento de Deus, e a compreender como Jesus Cristo, quando veio ao nosso mundo, colocou de lado as Suas vestes reais e a Sua coroa real e vestiu a Sua divindade com a humanidade. Por nossa causa fez-Se pobre, para que pela Sua pobreza nos tornássemos ricos. O Pai enviou o Seu Filho aqui, e aqui mesmo, neste pequeno átomo do universo foram representadas as maiores cenas que a humanidade jamais conheceu.

Sábado, 3 de Dezembro

FALAI DO AMOR E DO PODER DE DEUS

Os benefícios do cristianismo positivo.

POR ELLEN G. WHITE

Condensação de um sermão apresentado em Minneapolis, Minnesota, Sábado à tarde, 13 de Outubro de 1888.

«Vede quão grande amor nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus. Por isso o mundo não nos conhece; porque O não conhece a Ele.» (*I João 3:1*).

Como podemos compreender a Deus? Como devemos conhecer o nosso Pai? Devemos chamá-l'O pelo querido nome de Pai. E como podemos conhecê-l'O e o poder do Seu amor? É mediante diligente estudo das Escrituras. Não podemos apreciar a Deus a não ser que recebamos nas nossas almas o grande plano da redenção. ... É

uma coisa maravilhosa de que após o homem ter violado a lei de Deus e se ter separado a si mesmo de Deus, e ficar divorciado, por assim dizer, de Deus — de que após tudo isto houve um plano feito pelo qual o homem não deveria perecer, mas ter vida eterna.

Depois da transgressão de Adão no Éden, Deus deu-nos Cristo, não para que possamos ser salvos nos nossos pecados, mas para que possamos ser salvos dos nossos pecados, para que possamos voltar à nossa lealdade para com Deus e tornar-nos filhos obedientes. Ao rendermos as nossas mentes, as nossas almas, os nossos corpos e tudo o que possuímos ao controlo do Espírito de Deus, é então que o

O Universo observa

Todo o universo celestial observou com intenso interesse. Porquê? A grande batalha devia ser travada entre o poder das trevas e o Príncipe da luz. ... Satanás desejava que os filhos dos homens obtivessem uma tal ideia do seu maravilhoso trabalho, que eles falassem do seu magistral poder. Ao fazer isto ele estava constantemente a colocar a Deus numa falsa luz. Apresentava-O como um Deus de injustiça e não como um Deus de misericórdia. ...

Como podia Deus ser representado de modo justo perante o mundo? Como se podia saber que Ele é um Deus de amor, cheio de misericórdia, amabilidade e piedade? Como podia o mundo saber isto? Deus enviou o Seu Filho, e Ele devia representar para com o mundo o carácter de Deus. ...

Cristo estivera no céu e Ele traria a luz do Céu, repeliaria as trevas e deixaria que a luz da Sua glória brilhasse. Então veríamos, no meio da corrupção, poluição e profanação a luz do céu. ...

Desejamos manter perante nós o Padrão perfeito. Deus foi tão

bom que enviou uma representação de Si mesmo na pessoa de Seu Filho Jesus Cristo, e nós desejamos obter a mente e o coração para descobrir e alcançar o celestial. ...

Irmãos, todos vós tendes visto no seio do lago o belo lírio branco. Quão ansiosos nos temos sentido, quanto temos desejado e trabalhado, para adquirirmos essa flor. Não importa quanta espuma, escória e lixo estejam à sua volta, todavia isso não destroi o nosso desejo de obter o lírio. Maravilhamo-nos de que o lírio possa ser tão belo e branco no meio de tanta imundície. Bem, há uma haste que desce até às areias douradas abaixo e recolhe apenas as mais puras substâncias que alimentam o lírio até ele se desenvolver na pura e imaculada flor como nós a vemos.

Não nos deveria isto ensinar uma lição? Sem dúvida que deveria. Isto mostra-nos que embora haja iniquidade em toda a nossa volta, não nos devemos aproximar dela. Não faleis da iniquidade e da maldade que existem no mundo, mas elevai as vossas mentes e falai do vosso Salvador. ... Falai daquelas coisas que deixam uma boa impressão na mente, e erguem cada alma para além desta iniquidade para a luz do além.

Ora, nós podemos entrar num celeiro e ficar lá e olhar à nossa volta para os cantos escuros, e podemos falar da escuridão e dizer: «Oh, está tão escuro aqui», e continuar a falar disso. Mas poderá o nosso falar tornar a escuridão mais clara? Oh, não! O que é que fazemos então? Saímos de lá; saímos da escuridão para o quarto de cima, para o cenáculo, onde a luz da face de Deus brilha claramente.

Como sabeis, os nossos corpos são constituídos pela comida que assimilamos. Ora, acontece o mesmo com as nossas mentes. Se tivermos uma mente que se demore nas coisas desagradáveis da vida, isso não nos dará esperança alguma, mas desejamos em vez disso demorar-nos nas alegres cenas do céu. Diz o apóstolo Paulo: «A nossa leve aflição, que é apenas por um momento, opera para nós um muito mais excelente e eterno peso de glória.» (II Cor. 4:17).

Enquanto estivemos na Suíça

recebi muitas cartas duma irmã que amo de todo o coração e muito estimo. Em cada uma dessas cartas apareciam descrições com as mais negras cores. Ela parecia demorar-se em tudo quanto era objectável. Pouco depois de ter recebido estas cartas orei a Deus para que Ele lhe desse ajuda para afastar a sua mente do canal em que estava a funcionar.

Nessa noite tive um sonho que me foi apresentado três vezes. Eu estava a passear num belo jardim, e a Marta estava ao meu lado. Logo que ela apareceu no jardim eu disse-lhe: «Marta, não vês este belo jardim? Olha, aqui estão os lírios, as rosas e os cravos.» «Sim,» respondeu ela ao olhar e sorrir. Pouco depois olhei para ver onde ela estava. Eu olhava para os lírios, as rosas e os cravos e não a via. Ela estava noutra parte do jardim a apanhar um cardo. A seguir ela picou as suas mãos nas silvas. Ela disse que elas lhe feriam as mãos, e perguntou: «Porque estão todos estes cardos e silvas aqui no jardim? Porque os deixam ficar aqui?»

Então apareceu diante de nós um homem alto, distinto que disse: «Colhei as rosas, os lírios e os cravos; deixai as silvas e não lhes toqueis». Então acordei, e quando adormeci de novo, voltei a sonhar a mesma coisa outra vez. Tive o mesmo sonho três vezes, e depois disso levantei-me — porque não conseguia dormir — e escrevi à Marta o sonho que tinha tido.

«Ora», disse eu, «Deus não deseja que colha tudo o que é objectável; Ele deseja que a irmã olhe para as Suas maravilhosas obras e para a Sua pureza. Ele deseja que tenha uma visão do Seu incomparável amor e Seu poder, que olhe através das belezas da natureza para o Deus da natureza.» Disse eu: «Este (sonho) representa exactamente o seu caso. A irmã está a demorar-se no lado escuro. Fala daquelas coisas que não dão luz alguma nem proporcionam alegria alguma à sua vida. Mas deve voltar a sua mente destas coisas para Deus. Há suficientes rosas, cravos e lírios no jardim do amor de Deus, de modo que não precisa de olhar para as sarças, os cardos e as

silvas. ... Eu não vi estas coisas porque me estava deleitando com as flores e todas as belezas do jardim.»

Ora, é isto que desejamos fazer, irmãos. Queremos que as nossas mentes se demorem em coisas encorajadoras. Queremos que as nossas mentes se demorem no novo mundo no qual devemos ser introduzidos. A nossa cidadania não é deste mundo, mas é de cima, e desejamos considerar que caracteres devemos possuir para nos tornarmos habitantes desse mundo melhor e associados dos santos de Deus no céu. ...

Não quero que Satanás seja bem sucedido em lançar a sua escura sombra através do vosso caminho. Quero que vos afasteis dessa sombra. O Homem do Calvário lançará a luz do Seu amor através do vosso caminho e dissipará as trevas. Ele é capaz de fazer isso e o fará, pois Ele é o Senhor de todos.

Falai de Jesus

Lembro-me que quando a minha irmã Sara, agora a dormir na sepultura, me acompanhou nas minhas primeiras viagens, ela estava desencorajada. Disse: «Tive um estranho sonho a noite passada. Sonhei que alguém abriu a porta e eu estava com medo dele; e enquanto eu continuei a olhar para ele, ele aumentou em tamanho e encheu todo o espaço desde o soalho até ao tecto, e eu continuei a ter cada vez mais medo. Então pensei que tinha Jesus e disse: 'Eu tenho a Jesus; não tenho medo de ti.' Então ele começou a encolher-se e a encolher-se até que dificilmente se podia ver e saiu pela porta.»

Isso ensinou-lhe uma lição. Disse ela: «Ellen, nós falamos muito mais do poder de Satanás do que temos o direito de fazer. Isso agrada-lhe, e a sua satânica majestade é honrada; ele exulta sobre isto, e nós damos-lhe honra ao fazer isto; mas», disse ela, «eu vou falar de Jesus, do Seu amor, e testemunhar do Seu poder. E assim ela afastou justamente a sua alma da escuridão e do desencorajamento para a luz, e sustentou um vivo testemunho para Deus e o Céu.

Agora, eu creio que o nosso testemunho seria muito melhor se fálássemos mais de Jesus e do Seu amor e não dêssemos tanta honra ao diabo. Porque não o devemos fazer? Porque não deixar que a luz de Jesus brilhe nos nossos corações?...

Não é este o caso com muitos de nós? Não nos demoramos nós em ninharias e delas falamos até que os nossos pensamentos sejam moldados à sua semelhança? Podemos até levar os nossos filhos a praticarem coisas erradas por os acusarmos de terem feito algo de mal, sem o terem feito. Embora devamos repreender e exortar com todo o amor, não devemos nós exaltar também a Jesus e falar do Seu amor?

«Vede quão grande amor nos tem concedido o Pai, que fôssemos chamados filhos de Deus» (I João 3:1). É um dos ardis de Satanás que nos apeguemos a todas estas coisas desagradáveis e que as nossas mentes se não demorem em Deus e no Seu amor. É isto que Satanás quer, que ocupemos as nossas mentes com estas coisas de carácter revoltante que não podem trazer paz, alegria e harmonia para a nossa vida — senão apenas desencorajamento — e para que não representemos a Jesus Cristo.

Ora, Cristo deixou-nos a Sua obra quando partiu e disse: «E eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos» (Mat. 28:20). Não somos deixados sozinhos nas mãos de Satanás. Pensais que o nosso Pai Celestial nos deixou sozinhos para levar avante a obra da redenção e erguimento da raça caída, que Ele nos deixou num mundo inundado com o mal sem nenhuma ajuda, nenhum apoio, após Ele ter suportado as agonias da cruz? Não! Diz o Salvador! «Eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos.» E de novo: «Se pedirdes alguma coisa em Meu nome, Eu o farei.» Isto na condição de nós guardarmos os Seus mandamentos. Não é esta uma abençoada promessa? Porque não falamos mais disto e louvamos a Deus por isso?

...

Se temos um senso da bondade

de Deus ao enviar o Seu Filho para morrer por nós pecadores, e se mantivermos isto interligado na nossa experiência e avivado na nossa mente, teremos um tal amor por aqueles por quem Cristo morreu que não existirá em nós nenhum (desejo por) supremacia. É Satanás que introduz em nós estas diferenças. Enquanto estivermos ocupados em adorar a Deus, não haverá em nós nenhum ódio, inveja ou receios e suspeitas. Irmãos, não temos tempo algum para estas coisas. Não podemos pensar nelas. Há algo mais perante nós. É o eterno peso de glória, o plano da salvação. Precisamos de compreender isto desde o começo até ao fim, a fim de o podermos apresentar correctamente ao mundo.

Qual é o nosso trabalho aqui? Devemos tomar o trabalho exactamente onde Cristo o deixou. Qual foi o Seu trabalho? Revelar-nos o Pai. Qual é o nosso trabalho? Revelar Cristo ao mundo. Como podemos fazer isto? Mediante falar do diabo? Oh não, nós temos um melhor trabalho para fazermos. Nós devemos falar do Salvador crucificado e ressurrecto. Oh, que terrível coisa seria para qualquer de nós professarmos ser seguidores de Jesus Cristo e depois estragarmos tudo, e Ele nos encontrar com caracteres todos maculados e poluídos. Que terrível responsabilidade repousa sobre nós! Como deve Cristo ser revelado ao mundo, a não ser mediante aqueles que se apropriam dos Seus méritos, que crêem em Jesus Cristo, para a salvação das suas almas?...

Quando acordo de noite começo a orar. Há 3 semanas atrás acordei e disse: «Ó Deus, tem misericórdia de mim.» Mal tinha acabado de proferir estas palavras quando ouvi uma voz junto de mim que parecia dizer: «Estou mesmo ao teu lado, não te deixei.» Isto foi tudo para mim, e pode ser exactamente o mesmo para vós. Jesus diz: Eu estou mesmo ao teu lado, habitando contigo; não estás de modo nenhum sozinho. Essa foi exactamente a alegria que experimentei, e foi-me mais valiosa do que montanhas de ouro. Tenho aprendido a confiar no meu Salvador, e desejo dizer-vos que tenho um Salva-

dor, e que Ele vive; e porque Ele vive, eu também viverei.

Escondido com Cristo

As nossas vidas estão escondidas com Cristo em Deus, e quando Ele que é a nossa vida aparecer, nós aparecemos com Ele em glória. Não precisais de ser desencorajados. Cristo veio para salvar o Seu povo dos seus pecados. O diabo virá a vós e dir-vos-á que sois um pecador e não podeis ser salvos. Mas Cristo diz que veio para salvar pecadores. ... Cristo pode perdoar os vossos pecados. Ele diz: «Vinde agora, e discorrei comigo...: ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, eles se tornarão brancos como a lã.» (Isa. 1:18).

Oh, eu desejo que confieis nas ricas promessas de Deus e as armazenais na vossa memória. Que mais poderíeis desejar do que essa promessa? Nós temos a confirmação de que uma mãe pode esquecer-se do seu filho, mas Ele não nos esquecerá. Oh, eu desejo que as promessas de Deus sejam os quadros da sala de memória, a fim de poderdes olhar para elas. Então o vosso coração pode encher-se com a Sua graça e vós podereis exaltar a Jesus e coroá-l'O Senhor de todos. Esse é o vosso privilégio.

Agora desejo ler Colossenses 1:12: «Dando graças ao Pai que nos fez idóneos para participar da herança dos santos na luz.» Há algo sobre que ser paciente e longânimo — «que nos livrou do poder das trevas.» Sim, nós devemos falar de livramento, não de cativoiro; devemos ser alegres e não tristes. «E nos trasladou para o reino do Seu querido Filho.» Porque não podemos agir como súbditos do Seu reino? Oxalá que o amor de Cristo arda nos nossos corações, e que possamos amar a Cristo como nosso Salvador, e os nossos irmãos como a nós mesmos.

«Em quem temos a redenção mediante o Seu sangue, ainda mesmo o perdão dos pecados.» Agora queremos actuar como indivíduos que fomos redimidos pelo sangue de Cristo; devemos alegrar-nos no

sangue de Cristo e no perdão dos pecados. Isso é que devemos fazer e possa Deus ajudar-nos a afastar as nossas mentes dos quadros negros e pensar naquelas coisas que nos darão luz. ...

Ora, sempre que virmos alguma coisa encorajadora, ponhamos isso na Revista Adventista e falemos acerca disso. ... Falai do amor de Deus e habitai nele; agradecei-Lhe por ele. Abri as portas do vosso coração e manifestai a vossa gratidão e amor. Limpai esse lixo que Satanás tem empilhado à porta do vosso coração e deixai entrar a Jesus. ... Falai da Sua bondade e do Seu poder.

Ora, irmãos e irmãs, tenhamos esperança em Deus. Permitamos que a gratidão entre nos nossos corações. E embora tenhamos de dar claro testemunho para separar do pecado e da iniquidade, não queremos estar a bater sempre nesta mesma tecla. Queremos erguer estas almas que estão abatidas; queremos que elas se apoderem do amor de Deus e saibam que Ele coloca os Seus eternos braços por debaixo delas. ... Queremos olhar para cima; não para baixo, mas para cima, para cima, erguendo a alma para cima e cada vez mais para cima. Eu quero estas bênçãos e não descansarei até que seja cheia com a plenitude de Deus. Nada pode ser maior do que isso, pois não?

Queremos estar naquela posição onde aperfeiçoaremos um carácter cristão e representemos a Jesus Cristo ao mundo. Cristo foi enviado como nosso padrão, e não manifestaremos que possuímos todo o Seu amor, toda a sua amabilidade e todos os Seus encantos? E o amor de Jesus Cristo tomará posse dos nossos caracteres e vidas, e a nossa conversação será santa, e demorar-nos-emos sobre coisas celestiais. ...

Deus não é um Inimigo

«Não temas, ó pequeno rebanho, porque o vosso Pai agradou dar-vos o reino.» (Luc. 12:32). Ele não é o vosso inimigo, Ele é o vosso melhor amigo, e Ele deseja que mostremos ao mundo que temos um Deus. Ele quer que mostremos

que temos Jesus conosco, e Ele é mais forte do que o mais forte homem armado. Por conseguinte, elevemos as nossas mentes e a nossa conversação, e busquemos o Céu e as coisas celestiais. Deus ajuda-nos quando estamos nesta posição, que não estejamos a buscar coisas terrestres, mas que sejamos encantados com as coisas do céu. Queremos «ver quão grande amor nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus. Por isso o mundo nos não conhece; porque O não conhece a Ele. Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser.

Mas sabemos que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele; porque assim como é O veremos.» (I João 3:1-2).

Olho para esta congregação e vejo que pareceis pessoas desencorajadas, como homens que têm estado a lutar com os poderes das trevas; mas coragem, irmãos! Há esperança!...

Oh, eu amo-O. Eu amo-O porque Ele é o meu amor. Vejo n'Ele incomparáveis encantos, e oh, quanto eu desejo que entremos pelos portões na cidade. Então cada coroa será tirada de cada cabeça e lançada aos pés de Jesus, o nosso bem-aventurado Redentor. Ele a comprou para mim; Ele a comprou para vós, e nós O reconheceremos Senhor de todos. E nós lançaremos toda a nossa honra aos Seus pés e coroa-l'O-emos Senhor de todos. Cantaremos com grande vigor: «Glória a Deus nas alturas.»

Eu amo-O porque Ele é o meu amor. Vejo n'Ele incomparáveis encantos.

Gostaria que aprendêssemos a louvá-l'O mais. «Quem oferece louvor glorifica» a Deus. Gostaria que pudésseis falar disto.

Gostaria que educásseis os vossos corações e lábios para O louvar, para falar do Seu poder e da Sua glória. Gostaria que pudésseis testemunhar do Seu poder. Quando isto fizerdes estareis a elevar o vosso Salvador, e quando erguerdes esse padrão contra o vosso inimigo, ele fugirá de vós. Que Deus nos ajude a louvá-l'O mais e a sermos encontrados imaculados.

Manuscrito 7, 1888.

Perguntas para discussão

1. Qual é a melhor maneira de lidar com o desencorajamento?
2. Que lição podemos aprender do lírio que cresce no lago?
3. Que papel desempenha o universo observador no grande conflito? Como pode o carácter de Deus ser devidamente representado?
4. Qual é o *impacto* geral deste sermão sobre si? Que *impressões* principais retira dele?

**A OFERTA ANUAL DE SACRIFÍCIO
será levantada no Sábado,
dia 3 de Dezembro**

JESUS QUER QUE EU VIVA COM ELE

POR AILEEN ANDRES SOX

Nota para os dirigentes/pais:

Através das mensagens seguintes pretendemos ajudar as crianças a compreender a salvação mediante Jesus Cristo. Os princípios são retirados do livro Aos Pés de Cristo e evidenciados na vida do apóstolo Pedro. Se lerdes o livro Aos Pés de Cristo isso ajudar-vos-á na preparação da leitura destas mensagens.

Sábado, 26 de Novembro

Nunca demasiado ocupado

Imaginemos o que terá acontecido um dia na Palestina quando Jesus viveu aqui na Terra.

A senhora D. Margarida apressa-se em acabar de varrer o chão. Depois coloca a vassoura num canto, lava as suas mãos e ajeita o seu cabelo. A seguir vai à porta da frente e chama os seus dois filhos: Sara e Mateus. «Despachem-se, filhos, nós temos de ir para a praça da aldeia. O vosso tio Simão disse-me que o grande Rabi vai passar por lá hoje. Eu quero que Ele vos abençoe.» E a sra. D. Margarida e os seus filhos caminham pela rua abaixo, enquanto vizinhas lhes perguntam onde vão. «Vamos ver o Rabi», respondem eles. «Esperem um pouco. Nós vamos também.» Mães e filhos juntam-se a eles, e em breve se parece uma parada que marcha em direcção à praça da aldeia.

Ao chegarem à praça vêem uma grande multidão de pessoas em

frente da sinagoga. As mães com os seus filhos procuram furar a multidão, a fim de chegarem o mais à frente possível.

À medida que se aproximam da frente, vêem um atraente e amável Jovem sentado no meio da multidão, falando às pessoas à Sua volta. A senhora D. Margarida pega nas mãos dos seus filhos e tenta chegar ainda mais perto.

— É aquele o Rabi? — pergunta ela a um homem que parece saber o que se está a passar.

— Sim — responde o homem. — Seu nome é Jesus.

— Gostaria que Ele abençoasse os meus filhos — diz a senhora D. Margarida.

— Há uma grande porção de outras mães comigo. Todas nós trouxemos os nossos filhos para serem abençoados. — O homem não parece muito contente com a ideia. Ele diz qualquer coisa a outro homem ao seu lado. A senhora D. Margarida observa e espera. Ela sente vergonha de ir directamente a Jesus. Espera que os homens a ajudem a encontrar-se com o Rabi. Enquanto a senhora D. Margarida observa, ela nota que Jesus parece saber o que se está a passar. Mas Ele parece esperar para ver o que os homens farão.

Finalmente, depois de ter falado durante alguns minutos, o primeiro homem com quem a senhora D. Margarida falara volta-se para ela e diz:

— Lamento muito, mas... — A senhora D. Margarida nota que ele não está muito preocupado com o assunto, ele está simplesmente incomodado. — Jesus está muito ocupado hoje. Ele é um Homem importante com muitas coisas importantes para fazer. Ele não tem tempo para despender com crianças. Vós deveis ver o vosso próprio rabi se quiserdes que os vossos filhos sejam abençoados. — Com estas palavras o homem afasta-se.

A senhora D. Margarida sente-se

terrivelmente má com estas palavras. O homem dissera que o Rabi estava muito ocupado. Com o coração pesaroso, ela volta-se para se ir embora. Nesse preciso momento, ouve uma doce e suave voz chamando-a:

— Senhora D. Margarida não se vá embora. Eu desejo abençoar os seus filhos. Traga-os aqui até Mim. — Depois, voltando-se para o homem que dissera para ela se ir embora, Jesus diz-lhe:

— Diz às outras mães para trazerem também os seus filhos.

— Vinde aqui, meninos, — diz Jesus. Ele coloca a Sara num joelho e o Mateus no outro. Fala com eles durante algum tempo, depois coloca as suas mãos nas cabeças deles e pronuncia uma bênção. A seguir sorri para a senhora D. Margarida.

Não sabemos o que Jesus terá dito à Sara e ao Mateus naquele dia. Talvez tenha perguntado à Sara alguma coisa sobre os seus brinquedos e ao Mateus sobre os estudos dele. Talvez Ele tenha ficado a saber que eles estavam tristes porque o seu avô estava doente e o seu pai estava desempregado. Fosse o que fosse que estivesse na mente da Sara e do Mateus isso era importante para Jesus.

Podemos estar certos de que aquelas crianças nunca mais esqueceram o dia em que Jesus as abençoou. Elas sentiram o Seu amor por elas e o Seu interesse nelas. Isso mudou completamente as suas vidas.

Às vezes é-nos difícil acreditar o que diz a Bíblia ou os nossos professores ou os nossos pais quando nos dizem que Deus nos ama. Admiramo-nos de como é possível que Deus, que possui e governa todo o Universo, tenha tempo para nós. Mas Deus enviou Jesus para viver aqui na Terra, a fim de que possamos ver como é Deus. Assim uma maneira de sabermos o que Deus sente por nós é vermos como Jesus tratou as crianças naquele dia há muitos anos atrás. Elas eram mais

importantes para Ele do que qualquer outra coisa. Ele escutou-as e abençoou-as.

Isso é exactamente o que Deus e Jesus sentem por nós hoje. Nós somos mais importante para eles do que qualquer outra coisa. Eles tomarão tempo para nos atender. Eles abençoar-nos-ão.

Domingo, 27 de Novembro

O Homem que não pôde andar por cima da água

Imaginemos o que dois rapazes terão falado, numa certa manhã, após uma terrível tempestade no mar da Galileia.

O Benjamim e o David têm sido sempre amigos desde que nasceram. Os seus pais são pescadores, por isso passam quase cada dia quer no mar a pescar, quer em terra a consertarem as suas redes de pesca.

A noite passada uma terrível tempestade varreu todo o lago, mas agora o sol brilha. Os rapazes acabaram os seus trabalhos e estão agora a andar ao longo da praia do lago para ver se a tempestade atirou alguma coisa de interesse para terra.

— Lembra-te da última tempestade que tivemos? — pergunta o David ao seu amigo, enquanto apanha um pedaço de madeira que deu à costa e observa a sua forma.

— Referes-te à tempestade quando Jesus esteve aqui?

— Sim, — responde David, recordando-se do dia em que Jesus alimentou a grande multidão nos arrabaldes da sua pequena aldeia.

— Bem, o meu pai falou com a família de Pedro, — diz David —

e o Pedro agora viaja com Jesus. O Pedro é um dos Seus discípulos.

— Ah, sim? — replica Benjamim intensamente.

— Sim, — continua o David. — Jesus disse aos discípulos para tomarem o barco e se encontrarem com Ele em Cafarnaum.

O Benjamim acena com a cabeça e depois faz sinal ao David para continuar. — Estava a anoitecer e uma terrível tempestade soprava pelas montanhas abaixo sobre o lago. Muitos dos discípulos eram bons navegadores e pescadores, mas esta tempestade era demais para eles. Eles tentaram remar para terra, mas o barco era agitado de um lado para o outro no lago, como um pedaço de madeira flutuante à deriva.

— Estou certo que eles desejariam que Jesus estivesse com eles, — acrescentou o Benjamim.

— Tu tens certamente razão, — continuou o David. — Enquanto pensavam que iriam certamente morrer, viram uma luz não usual que se movia através da água. Quando se aproximou mais, eles quase não queriam acreditar no que os seus olhos viam! Parecia ser Jesus a andar por cima das águas! — O Benjamim, ao ouvir isto, sentou-se tomado de espanto.

— E Pedro, tu sabes como ele é! — disse David. — Ele chamou por Jesus e disse: «Jesus», se és tu, manda-me ir ter contigo.» Então Jesus disse: «vem». Portanto, Pedro saltou por cima da água até Jesus!

— O que é que aconteceu a seguir? — pergunta David com ansiedade.

— Bem, ele começou a ficar vaidoso de andar por cima das ondas. Olhou para trás para ver se alguém estava a olhar para ele. Mas quando retirou os seus olhos de Jesus, começou a afundar-se. Olhou de volta para Jesus, mas uma onda ocultou-o da vista de Jesus. Ele ficou assustado e gritou: «Mestre, salva-me» e Jesus agarrou-o pela mão e ambos caminharam para o barco e entraram nele.

— Uf, — replicou Benjamim.

— «Aposto que Pedro aprendeu depressa quão importante é manter os olhos fixos em Jesus!

— Sim, concorda David. — *É uma lição que todos nós precisamos de aprender.*

Podemos envolver-nos em problemas quando começamos a pensar em nós mesmos em vez de dependermos em Jesus. Às vezes pensamos que estamos a ser muito bons cristãos. Obedecemos aos nossos pais, e somos amáveis para com os nossos irmãos e irmãs. Não perdemos a nossa calma no pátio do recreio da escola. Fazemos os nossos deveres escolares todas as noites e estudamos a nossa lição da Escola Sabatina antes de irmos para a cama.

Mas vocês sabem o que aconteceu? Quanto mais pensamos em fazer bem todas as coisas, pior as fazemos. Isto deve-se ao facto de que não conseguimos resistir à tentação a não ser que dependamos inteiramente de Jesus. Ele é a nossa única fonte de poder.

Segunda-feira, 28 de Novembro

A Néscia Semente de Flor

Ontem aprendemos o que aconteceu quando Pedro retirou os seus olhos de Jesus — ele quase se afogou. Pedro aprendeu também que Jesus lhe deu o poder para andar sobre as águas e resistir à tentação.

Hoje vamos imaginar que uma semente de flor decide crescer no jardim do senhor Figueiredo. Ela diz para si mesma: «Vou saltar para o quintal do senhor Figueiredo e vou plantar-me a mim mesma no seu jardim, junto à cerca. Vou platar-me a dois centímetros e

meio de profundidade, porque é a melhor profundidade para uma flor como eu. Depois de me ter plantado, regar-me-ei, fertilizar-me-ei e crescerei por mim mesma. Depois de ter crescido um pouco, farei sair a minha cabeça através do solo e despontarei duas folhas. Crescerei cerca de 30 cm por semana e em breve serei um belo cravo vermelho. Prefiro ser um cravo vermelho do que um narciso porque os cravos vermelhos cheiram melhor.

Meninos e meninas, quando tentamos viver boas vidas cristãs sem dependermos de Jesus para d'Ele recebermos o poder para viver uma boa vida, somos exactamente tão néscios como a semente da flor que tentou plantar-se, regar-se e crescer por si mesma. De facto, estamos em maior perigo do que Pedro quando tentou andar sobre as águas no meio duma tempestade.

Deus dá-nos o poder de Jesus porque Ele sabe que por nós mesmos nada podemos fazer. Nunca teremos poder suficiente em nós mesmos. Mas quando damos as nossas vidas a Deus e oramos para que Ele nos dê o poder que necessitamos para viver uma vida cristã, Ele realiza o milagre que prometeu realizar. Esse milagre acontece quando o Espírito Santo vem viver exactamente dentro de nós para nos ajudar. Peçamos a Deus para realizar hoje esse milagre em nós, está bem?

Terça-feira, 29 de Novembro

Apanhado por um galo

Imaginemos que já se passaram vários dias desde a conversa do Benjamim e do David sobre a tormenta no Mar da Galileia. Os rapazes já não passam tanto tempo juntos, como outrora, porque agora acompanham os seus pais

na faina da pesca para ganharem dinheiro para ajudar no sustento da família.

Hoje eles acabaram o seu trabalho mais cedo do que pensavam. Uma vez que tinham tempo extra para se visitarem um ao outro, escolheram passear ao longo da praia do Mar da Galileia uma vez mais.

— O meu pai esteve a falar com a família de Pedro o outro dia, — diz o David. — O meu pai quis saber o que é que causou a mudança de Pedro desde que Jesus morreu.

— O Benjamim interrompe — as pessoas dizem que Jesus ressuscitou da sepultura apenas três dias depois e depois voltou para o Céu. Crês tu nisso?!

— Bem, — continuou o David, — o Pedro contou tudo à sua família. Deixa-me contar-te o que eu me lembro. — O David põe-se a contemplar a água azul do mar e parece entretanto reunir os seus pensamentos.

— Lembras-te de ouvires que Jesus foi preso no Jardim do Getsemane e levado para ser julgado durante a Páscoa? — o Benjamim abana a cabeça afirmativamente.

— Bem, exactamente antes disso, todos os discípulos celebraram a Páscoa com Jesus. Nessa ocasião Ele disse-lhes muitas coisas que eles pareceram não compreender. Uma das coisas que Jesus disse é que Pedro o iria trair três vezes naquela mesma noite antes de o galo cantar.

— Bem, tu sabes como o Pedro é — ele fala sempre antes de pensar. Penso que isso terá verdadeiramente aborrecido o Pedro por ver que Jesus não confiava nele. O Pedro disse a Jesus que preferia morrer do que negá-l'O. — O Benjamim sorri por entre dentes enquanto ouve o relato do David. Ele sabe bem como é Pedro desde que viveu na sua aldeia.

— De qualquer maneira — continua David, Pedro e João seguiram a Jesus até ao pátio exterior do tribunal, ou lugar, onde se reúne o Sinédrio. João manteve-se calado e ninguém lhe ligou importância, embora, estou certo, que

todos sabiam que ele era um dos discípulos de Jesus.

— Mas Pedro teve medo de ser reconhecido e preso, por isso aproximou-se cobardemente do fogo para se aquecer. Todavia, alguém o reconheceu e lhe perguntou se não era um dos discípulos de Jesus. Ele respondeu que não. Ele respondeu que não mesmo uma segunda e uma terceira vez a outras pessoas que pensavam que ele era um discípulo de Jesus.

— Então ele ouviu um galo cantar nesse momento. A multidão separou-se e ele viu Jesus a olhar fixamente para ele. Ele disse que nunca viu um olhar tão triste, mas que os olhos de Jesus estavam também cheios de amabilidade e compreensão. Isso foi demais para mim, ao contemplar aquele olhar — disse Pedro.

— O que é que fez Pedro? — pergunta o Benjamim.

— Pedro foi para o Jardim do Getsemane para estar sozinho. Apesar do seu terrível pecado, ele sabia que Deus podia e o perdoaria. Assim ele passou o resto da noite no Getsemane, exactamente no lugar onde Jesus passara várias horas em oração antes de ter sido preso. Pedro disse que se deu completamente a si mesmo a Deus e admitiu que não conseguia viver uma vida semelhante à de Cristo com as suas próprias forças. Ele pediu a Deus para lhe dar as forças de que precisava.

— Sabes que nessa mesma noite outro discípulo confessou que trairá Jesus — diz o Benjamim.

— Sim, — replica o David, — mas ele confessou isso só porque estava com medo do juízo vindouro, e não porque se sentisse triste pelo que fizera.

Jesus perdoa os nossos pecados somente quando estamos verdadeiramente tristes por os termos praticado. E Ele está disposto a dar-nos o poder de que necessitamos para viver uma vida semelhante à de Cristo, tal como Ele deu a Pedro as forças para viver para Ele.

Quarta-feira, 30 de Novembro

O Carro sem motor

Ontem ouvimos a história de Pedro, quando ele negou Cristo, e a sua terrível tristeza por este pecado.

Imaginem por um momento que os vossos pais vos disseram para não irem brincar para a casa dos vossos vizinhos. Mas vocês querem ir mesmo. O vosso amigo tem um jogo novo que vocês querem experimentar. Assim, quando vocês pensam que ninguém está a observar-vos, vocês escapam-se para a casa do vizinho. Vocês estão um bom bocado juntos, mas quando chega a hora de voltar para casa, ficam nervosos. O que é que o vosso papá ou mamã vos irá fazer?

Vocês decidem resolver o problema confessando de imediato a vossa falta. Dizéis à vossa mãe que estais tristes por lhe terdes desobedecido e prometeis fazer melhor no futuro. Mas é esta vossa confissão o resultado de estardes verdadeiramente tristes pelo que fizestes e tendes realmente a intenção de, com a ajuda de Deus, mudar? Ou não estais realmente tristes pelo que fizestes e confessastes a vossa falta, apenas com a esperança de escapar ao castigo?

Pedro confessou a sua falta porque estava verdadeiramente arrependido; Judas confessou porque esperava escapar ao castigo.

Verdadeiro arrependimento é sentir tristeza pelos nossos pecados e desejo de nos afastarmos deles. Após nos sentirmos tristes, confessamos o nosso pecado a Deus e às pessoas envolvidas. Não devemos apenas dizer: «Perdoe-me»; devemos também dizer claramente a razão por que pedimos perdão. Por exemplo, perdoe-me mamã, por lhe ter partido o seu

vaso. Perdoa-me Susana, por te ter chamado um nome. Perdoe-me senhor professor, porque copiei no seu teste.

Algumas vezes as pessoas cometem outro erro quando compreendem que pecaram. Tentam tornar-se melhores antes de se voltarem para Jesus. Esquecemo-nos de que antes mesmo de compreendermos que pecámos, Jesus já está a trabalhar no nosso coração mediante o seu Santo Espírito, levando-nos a ver a nossa falta e a sentirmo-nos tristes por ela. Em cada passo ao longo do caminho, Jesus está a trabalhar connosco e por nós para nos tornar a espécie de pessoas que Ele deseja que sejamos.

Por *nós mesmos* não nos podemos tornar melhores de maneira nenhuma.

Isso é tão néscio como a uma semente de flor decidir onde e como vai crescer. É tão néscio como uma pessoa arranjar o exterior de um carro — lavando-o, pitando-o e encerando-o — quando, na verdade, tal carro não tem motor algum. Com certeza que uma pessoa pode ir a algum lugar num carro sem motor, mas terá de o empurrar ou puxar aonde quer que for. Deus é como o motor de um carro. Ele é o poder para as nossas vidas.

Durante esta Semana de Oração tomemos alguns minutos para rever o que aprendemos acerca da maneira como Jesus trabalha connosco.

1. Nós precisamos de um Salvador. Há somente um Salvador — Jesus. Deus enviou-O a este mundo para que saibamos como é Deus. Deus é exactamente como Jesus porque Jesus é Deus. Ele ama-nos e toma tempo para nos atender, não importa como outras pessoas nos tratem.

2. Estamos perdidos sem um Salvador.

Precisamos do Seu poder cada dia para vivermos do modo que Ele deseja que vivamos. Cada vez que ficamos orgulhosos e pensamos que podemos fazer as coisas por nós mesmos, corremos o perigo de perder de vista a Jesus, as-

sim como Pedro O perdeu de vista quando tentava andar por cima das águas no Mar da Galileia.

3. O nosso Salvador perdoar-nos-á mesmo que O magoemos. Devemos sentir-nos verdadeiramente tristes pelos nossos pecados e desviar-nos deles.

4. Jesus trabalhará connosco e ajudar-nos-á a ser a espécie de pessoas que Ele deseja que sejamos.

Quinta-feira, 1 de Dezembro

Redes vazias

Imaginemos o que o David e o Benjamim poderiam ter conversado alguns dias depois da sua última conversa. Hoje eles não estão nos barcos de pesca dos seus pais, pois estão a remendar as redes. Normalmente os seus pais não os deixam trabalhar juntos porque eles conversam demais. Mas os rapazes prometeram acabar e aprontar tudo, se os deixassem trabalhar juntos. Os pais concordaram em fazer essa experiência.

— Fui com o meu pai visitar a família de Pedro ontem à noite, — começou o David logo após ele e o Benjamim terem iniciado a sua tarefa. — Descobri algo mais sobre o que tem acontecido desde que Jesus morreu.

— Conta-me, então o que tem acontecido — pediu o Benjamim com ansiedade.

— Bem, Maria Madalena e algumas outras mulheres foram ungir o corpo de Jesus com especiarias no Domingo de manhã e encontraram o túmulo de Jesus vazio. Elas recebavam que alguém tivesse roubado o corpo de Jesus, e por isso correram para anunciar isto a Pedro e a João.

— É difícil crer nisso, — diz o Benjamim, que não sabe se teria acreditado nas mulheres ou não.

— De qualquer maneira — continua David, — um anjo disse às

mulheres para não se esquecerem de dizer aos discípulos e a Pedro que Jesus estaria na Galileia antes deles lá chegarem.

— Queres tu dizer que o anjo referiu o nome de Pedro, mas não o dos outros discípulos? — pergunta o Benjamim.

— Sim. Isso fez com que Pedro se sentisse muito melhor, asseguro-te. Ele sentia-se muito mal desde que negara a Cristo.

— Parece que Cristo apareceu a vários grupos de discípulos durante as semanas seguintes. Certamente, algumas pessoas não acreditam que Jesus ressuscitou dos mortos. Mas afianço-te que Pedro o crê sem qualquer dúvida.

— Há alguma outra razão especial? — pergunta o Benjamim, que terminou de remendar um parte da rede. Verifica cuidadosamente outras partes da rede até que descobre um lugar que precisa da sua atenção.

— Bem, logo que acabou a Páscoa, sete dos discípulos dirigiram-se para a Galiléia tão depressa quanto puderam. De acordo com a família de Pedro, eles encontraram um lugar sossegado, não muito longe daqui, onde sabiam que não seriam perturbados. Uma vez que já não pescavam há muito tempo, decidiram ir pescar. Pescaram toda a noite sem nada apanhar.

— O quê? — O Benjamim mal consegue acreditar nisso. — Isso não acontece muito frequentemente nesta altura do ano.

— Bem, não sei quão esforçadamente eles terão pescado. De acordo com a história que ouvi, eles passaram grande parte do tempo a falar de Jesus e recordando-se das suas viagens com Ele durante os últimos três anos.

— Pedro sempre gostou de falar. — O Benjamim sorri ao recordar-se do homem, duro mas amigoso.

— Nessa manhã um Homem de pé na praia chamou-os, quando eles vinham para terra. — Tendes alguma coisa de comer? — perguntou Ele. — Não, responderam eles de volta — pescámos toda a

noite, mas nada apanhámos.

— Agora vem a parte surpreendente da história, — diz o David,

— Lançai as vossas redes à água para o outro lado do barco, — ordenou o Estranho. Logo que eles o fizeram, as redes ficaram tão cheias de peixe que elas quase se rompiam.

— Estou contente por não estarmos a consertar essas redes hoje, — suspirou o Benjamim com alívio.

— Quando isso aconteceu, — continua o David — Pedro compreendeu que o Homem na praia era Jesus. Bom velho Pedro. Ele saltou do barco para a água e caminhou pela água fora até à praia. Em breve todos compreenderam quem estava na praia. Os discípulos ficaram tão contentes de verem Jesus que nem sabiam o que deviam fazer a seguir. Jesus teve de lhes lembrar para trazerem as redes para a praia.

— Uf, — responde o Benjamim. — Gostaria de ter sido um dos discípulos de Jesus para poder ter falado com Ele pessoalmente.

— Sim, — concorda o David, — mas tu ainda o podes ser! Embora Ele esteja agora no Céu, Ele ainda está tão perto de nós quando precisamos d'Ele, como esteve perto dos discípulos quando Eles precisaram d'Ele. Tudo o que precisamos de fazer é orar.

— É bom saber isso. — responde o Benjamim.

Neste momento os rapazes ouvem que alguém chama pelos seus nomes. — Devem ser horas para o almoço, — diz o Benjamim.

— Voltarei a ver-te em breve de novo aqui. Desejo ouvir o resto da história.

Sexta-feira, 2 de Dezembro

Ovelhas e Cordeiros esfomeados

Ontem David e o Benjamim falaram sobre o que aconteceu a Pedro e aos outros discípulos depois de Jesus ter ressurgido dos mortos. Jesus havia dito aos discípulos para se encontrarem com Ele na Galileia, por isso partiram para lá tão depressa quanto puderam.

Hoje o Benjamim come tão depressa o seu almoço que a sua mãe precisa de lhe dizer para comer mais devagar. Depois ela pede-lhe para lhe trazer alguma lenha. Finalmente ele apressa-se em voltar para a praia. Encontra o David já ocupado, uma vez mais, a consertar redes.

— Bem, — diz o Benjamim enquanto se senta e agarra na rede, — o que é que aconteceu quando eles puxaram as redes para terra?

— A família de Pedro diz que eles falaram acerca de muitas coisas. Mas de repente, no meio da conversa, Jesus virou-se para Pedro e perguntou-lhe: «Pedro, amas-Me mais do que estes outros discípulos Me amam?»

— Pedro respondeu: «Senhor, Tu sabes que Te amo.»

— Que respondeu Jesus a isso? — pergunta o Benjamim.

— Ele disse a Pedro para apascentar os Seus cordeiros.

— Cordeiros? Que cordeiros? — o Benjamim fica confuso.

— Bem, como o Pedro disse à sua família, Jesus queria dizer que ele devia contar a outras pessoas acerca de Jesus e de Deus. Jesus chamou-Se a Si mesmo de o Bom Pastor, como sabes. Ele cuidava das pessoas como um bom pastor cuida das suas ovelhas.

— Oh, penso que compreendo — responde o Benjamim.

— De qualquer maneira, Jesus

ainda não havia terminado o Seu diálogo com Pedro.

Duas vezes mais perguntou a Pedro se ele O amava. E Pedro respondeu que sim. E Jesus disse-lhe duas vezes mais para alimentar as suas ovelhas.

— Ele perguntou três vezes a Pedro se ele O amava?

Sim, isso deve ter algo a ver com as três vezes que Pedro negou a Jesus, durante o Seu julgamento.

— Penso que ele não se esquece-
rá disso, — diz o Benjamim.

— Eu também penso o mesmo,
— respondeu o David.

— Bem, que mais aconteceu? —
pergunta o Benjamim.

— Não sei muito mais, — repli-
ca o David. — Precisamos de
aguardar nova visita de Pedro pa-
ra ouvirmos algo mais.

em nosso favor. Ele ama-nos exat-
tamente como somos.

Se errarmos como o apóstolo Pedro, podemos estar certos que Jesus nos pedirá para corrigirmos esses erros. Ellen White diz-nos no *Desejado de Todas as Nações*, («Uma vez mais junto ao Mar», cap. 85) que Jesus fez aquelas perguntas a Pedro junto ao Mar da Galileia, a fim de que ele se arrependesse e confessasse a sua falta perante os seus irmãos em Cristo, para deste modo reganhar a sua confiança.

Então, depois de Pedro ter confessado a sua falta, Jesus confiou-lhe a importante obra de testemunhar a outros acerca de Cristo. O David e o Benjamim não falaram sobre isto, mas nós sabemos que Pedro continuou a desempenhar um importante papel na formação da igreja cristã primitiva. Ele era um homem mudado, porque tinha encontrado o Salvador.

Durante alguns minutos vamos falar de outro homem que encontrou a Jesus. Chamá-lo-íamos hoje terrorista. No começo dos anos de 1900 em Idaho, Harry Orchard era um assassino por aluguer. Ele trabalhava para as Uniões Sindicais que tentavam retirar o controlo da indústria mineira de Idaho das mãos dos seus proprietários. Harry costumava colocar bombas para interromper o trabalho nas minas. Morreram pelo menos 10 pessoas nessas explosões de bombas.

Mas quando Harry colocou uma bomba que matou o ex-governador de Idaho, Frank Steunenberg, ele foi apanhado, foi julgado, e condenado a prisão perpétua na penitenciária Estatal de Idaho.

Harry viveu na Penitenciária Estatal de Idaho mais de 50 anos, até à sua morte com mais de 80 anos. Mas ele não era infeliz. E vocês sabem porquê? Porque algo de maravilhoso aconteceu a Harry na prisão — ele encontrou a Jesus.

Isso aconteceu desta maneira. A viúva do último homem que Harry matou era Adventista do Sétimo Dia. Deus operou um milagre na sua vida, e ela não sentiu ódio pa-

ra com o homem que lhe matou o marido. Em vez disso ela orava por ele. Ela fez mais do que orar; ela enviou o seu filho à prisão para levar alguma literatura a Harry e pediu-lhe que a lesse e se voltasse para o Senhor.

Harry disse: «Eu estava preparado para ouvir palavras duras do jovem Steunenberg (filho do ex-governador morto por Harry), mas as amáveis palavras que me falou quebraram-me completamente.»

O interesse cristão a ele revelado pela família que ele havia ferido, foram os meios que Deus usou para mudar a vida de Harry Orchard. Ele passou a ser conhecido como «o homem que Deus fez de novo.»

Harry tinha uma grande influência na prisão. Por vezes, quando criminosos estavam tristes ou em dificuldades ou — em certos casos — próximo de serem executados, eles pediam para falar com Harry. Eles desejavam que Harry orasse com eles e por eles. Nos seus últimos anos Harry viveu fora da prisão e criou uma indústria prisional de 10.000 frangos.

O meu pai trabalhou para a Conferência dos Adventistas do Sétimo Dia de Idaho durante aquele tempo, e ele visitou, várias vezes, Harry na sua pequena casa junto aos aviários de frangos. «Naqueles dias», diz o meu pai, «nós costumávamos dar fitas às pessoas que lessem a Bíblia durante o ano. Nunca ninguém havia oferecido fitas a Harry, de modo que num dia levei-lhe mais de 30 porque ele tinha lido fielmente a sua Bíblia em cada ano após a sua conversão.»

Meninos e meninas, Deus pode criar-nos de novo outra vez. Deus enviou o Seu Filho a este mundo para nos mostrar como devemos viver e para nos dar um Salvador. Cada vez que pedimos que o amor e o poder de Jesus se tornem parte das nossas vidas, essa oração será respondida. Deus deseja que aprendamos a amá-l'O e a servi-l'O aqui na terra de modo a tornar-nos a espécie de pessoas que se sintam felizes de viver com Ele para sempre.

Sábado, 3 de Dezembro

O Homem que Deus fez de novo

Durante a maior parte da semana passada, considerámos a vida de Pedro. Na sua vida vemos como Jesus opera como nosso Salvador. Ele chama-nos para O seguir como chamou a Pedro para ser Seu discípulo. Ele é paciente conosco enquanto aprendemos acerca d'Ele. Tudo isso leva tempo, mas durante esse tempo estamos mudando. Talvez mude a nossa linguagem como mudou a de Pedro. Talvez mude o nosso trabalho.

Nós cometemos erros às vezes. Pode ser que confiemos no nosso próprio poder em vez de confiar em Jesus, como Pedro fez quando tentava andar por cima das águas. Podemos mesmo levar pessoas a pensar que não conhecemos de modo nenhum a Jesus, como fez Pedro na noite do julgamento de Jesus. Mas podemos estar certos que mesmo que cometamos erros, Jesus continua a amar-nos e a agir

Divisão do Sul do Pacífico: Inauguração da nova Sede

A Divisão do Sul do Pacífico inaugurou, no passado dia 26 de Maio, a sua nova sede em Wahroonga, na Austrália. A cerimónia de abertura e consagração foi presidida pelo pastor Neal Wilson, presidente da Conferência Geral, e a ela assistiram cerca de 400 pessoas, obreiros da Divisão e dirigentes da Igreja, além de convidados oficiais, um destes, o Presidente da Câmara, falou da elevada consideração e estima, de que a igreja desfruta na comunidade.

Ao falar, por sua vez, o Pr. Wilson declarou que «a não ser que este novo edifício seja uma ponte para alcançar a comunidade que lhe está próxima, ele terá falhado o seu objectivo.»

A cerimónia prosseguiu então junto à entrada principal dos escritórios, onde o presidente da Divisão, Pr. Walter Scragg içou a bandeira da Igreja e pentrou no edifício, como símbolo da missão da Igreja em levantar perante o mundo o amor de Cristo, «cuja bandeira

sobre nós é o amor». O Pr. Wilson descerrou uma placa alusiva e pronunciou uma oração de consagração.

Os escritórios da Divisão em Wahroonga incluem uma sede para a companhia de produtos alimentares da Divisão, que até agora tinha escritórios espalhados por vários lugares. O crescimento e expansão dos vários serviços tinham provocado um grande congestionamento nos últimos anos, o que obrigava a Divisão a ter várias secções em diversas casas. Os antigos escritórios foram ampliados e remodelados e acrescentou-se-lhes um novo edifício. De forma que agora os diversos serviços e departamentos estão todos juntos em Fox Valley Road, n.º 148.

Espera-se que a nova sede continue o seu trabalho de testemunho e auxílio, contribuindo para maior eficiência na realização do trabalho que lhe está consignado — *Raymond L. Combe*, director de Comunicações.

AWR-Ásia: A Birmânia responde ao Evangelho

Há grande alegria na AWR-Ásia [Rádio Mundial Adventista] e na Birmânia, onde recentemente se receberam dezenas de cartas dos sete estados e divisões municipais em resposta às emissões de Guam. «Isto prova que as emissões são ouvidas em toda a Birmânia», indica o relatório e, mais importante ainda, significa que a mensagem do Evangelho está penetrando, pela primeira vez, nestas áreas.

Cartas entusiastas revelam que as emissões tocam os ouvintes e estes «provêm de áreas onde a Igreja nunca penetrou nem possui membros». E os pedidos de cursos de Bíblia são quase metade de toda correspondência recebida. Raia um novo dia na Birmânia!

Um homem escreveu que tinha um grupo de pessoas a ouvirem diariamente as emissões. Era ele, sua

mulher e 9 filhos, entre os 6 e os 22 anos, e pedia que os inscrevessem a todos no curso de Bíblia por correspondência. Um outro referia que tinha encontrado um companheiro para estudar a Bíblia com ele: era o seu irmão, monge budista!

A Escola Bíblica da Birmânia deve já ter ultrapassado as 500 cartas diárias quando esta notícia for lida pelos crentes que ao longo dos anos têm apoiado e colaborado com a Rádio Mundial Adventista. Talvez que 500 cartas pareçam relativamente poucas quando comparadas com as 8 000 de outros centros da AWR-Ásia. Mas para a Birmânia, acreditem, é algo de extraordinário! Os nossos membros desta região não cessam de louvar ao Senhor por esta maravilha e esperam que se lhe siga uma grande colheita de almas para o Reino de Deus.

Hamburgo: Conselho da Divisão Euro-Africana

Há 100 anos que os colportores adventistas trabalham na Alemanha. Para comemorar esta importante data, o Conselho de meio do ano da Divisão teve lugar em Hamburgo, de 13 a 19 de Junho.

Há duas importantes instituições localizadas nesta área: a casa publicadora alemã, fundada em 1896 e que é hoje a mais importante da Divisão, e a conhecida fábrica de produtos dietéticos De-Van-Ge.

R. Rupp, director da casa publicadora, disse que na última década ali se imprimiram 160.000 livros. De acordo com os números que referiu, cerca de 450 colportores tra-

balhavam na Alemanha em 1912. Apenas dois anos depois, já 103 milhões de páginas haviam sido impressas pela casa publicadora.

A fábrica de produtos alimentares De-Van-Ge foi estabelecida há 90 anos. Há cinco anos foi transferida de Hamburgo para Luneburgo. Com um movimento de 80 milhões de marcos em 1987 e com 300 empregados, a fábrica de produtos alimentares é a maior da Divisão Euro-Africana. M. Makowski, director, declarou: «O nosso objectivo é ultrapassar a curva dos 100 milhões em 1990.»

Intempéries Catastróficas no Sudão

Devido às recentes intempéries catastróficas que atingiram o Sudão, mais de 300 pessoas perderam a vida e muitos ficaram sem lar. As primeiras estimativas calculam em mais de 1 500 000 os que perderam todos os seus haveres e ficaram sem abrigo. Vários bairros de Khartoum, próximos do Nilo branco e do Nilo negro tiveram de ser evacuados com receio de novas e piores inundações. A ADRA Internacional agiu de imediato, preparando diversas encomendas de tendas e cobertores, de medicamentos e alimentos de primeira necessidade. A ADRA da Divisão Euro-Africana colaborou com uma verba de 30 000 dólares [Esc. 4 500 000\$00] para esta emergência.

A ADRA Internacional, cujo orçamento para o Sudão ultrapassa os 125 mil dólares [Esc. 18 750 000\$00] e a ADRA-Divisão Euro-Africana agradecem a todas as igrejas a sua colaboração generosa e regular para o Fundo de Famintos e Sinistrados, que nos tem permitido agir em situações de catástrofes como esta.

Envios recentes da ADRA-Divisão Euro-Africana elevam-se a cerca de 6 150 000\$00.

Brasil	750 000\$00
Hungria	300 000\$00
Katmandu	3 000 000\$00
São Tomé	1 500 000\$00
Diversos	600 000\$00

— Ulrich Frikart, Ministérios da Igreja, DEA.

Assine e divulgue a

Revista Adventista

UMA MENSAGEM DO PRESIDENTE DA CONFERÊNCIA GERAL

Prezados Irmãos e Irmãs na fé:

Um século passou desde que a Igreja Adventista do Sétimo Dia passou por uma crise que culminou na sessão da Conferência Geral de 1888 em Minneapolis. E aqui estamos em 1988 ainda enfrentando os desafios e desapontamentos duma tarefa inacabada. Entre os nossos crentes, muitos estão provavelmente perguntando: «O que é que aconteceu em 1888 e que significado tem isso para a igreja hoje?»

Para os pioneiros do nosso movimento, que viveram antes de 1888, a graça vivificadora de Cristo era uma preciosa experiência e uma confortadora realidade. Todavia, parece que ao focarem sobre as doutrinas peculiares ao Adventismo, os nossos crentes primitivos inconscientemente negligenciaram esta gloriosa verdade, e a sua experiência religiosa tornou-se cada vez mais morna.

Ao crescer a igreja, os ataques contra ela multiplicaram-se. Inúmeras publicações denunciando as nossas «heresias» apareceram por toda a parte. E numa tentativa para defenderem as doutrinas que cremos, os nossos ministros, membros e dirigentes tornaram-se cada vez mais envolvidos em apologias e cada vez menos Cristo-cêntricos. Como resultado, a igreja começou a enfrentar a alarmante perspectiva de apatia e declínio espiritual.

Preocupados pelos efeitos perniciosos duma experiência religiosa sem o poder e a atracção da cruz, dois jovens ministros levantaram-se perante os delegados à histórica sessão de 1888 e proclamaram com ousadia e fervor «os incomparáveis encantos de Cristo.»

As suas mensagens foram vistas por alguns como um perigoso desvio do Adventismo tradicional, mas foram recebidas por outros como «maçãs de ouro em salvas de prata.» Aqueles que foram abençoados pelo seu ministério testemunharam que nunca haviam recebido antes uma tão confortadora certeza.

Apesar de várias más compreensões e-confrontações, a experiência de 1888 foi uma vitória em muitos aspectos. Os olhos dos nossos crentes foram abertos e dirigidos para Jesus e Seu imutável amor por nós, e uma onda de alegria se abateu sobre eles. Eles viram a majestade, justiça e glória de Jesus em todo o seu esplendor.

Durante esta Semana de Oração o significado e as lições a aprender da mensagem de 1888, serão apresentados por diferentes escritores. Oxalá o Senhor nos ajude a colocar de lado diferenças teológicas que nos possam eventualmente separar, e focar os nossos olhos sobre Jesus e assim transformar esta semana numa ocasião de refrescantes bênçãos.

Uma vez mais as mensagens para a Semana de Oração vêm até nós através da *Revista Adventista*. Quão grato estou por este veículo de comunicação para a família mundial! Muitos de vós recebem esta revista numa base semanal ou mensal. Se não a estais a assinar, aproveito a oportunidade para vos encorajar a dar os passos necessários para a passardes a receber regularmente nos vossos lares.

E ao estudardes com oração as leituras sobre justificação pela fé nesta edição, oxalá possais ver a Jesus, «O Homem de incomparáveis encantos.»